



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Sociais - ICS**  
**Departamento de Sociologia - SOL**

*Efeito colateral que o seu sistema fez:*  
**o rap como propulsor de uma subjetividade antirracista**

Brasília  
2023

Lucas Santos da Mota

*Efeito colateral que o seu sistema fez:*  
**o rap como propulsor de uma subjetividade antirracista**

Monografia apresentada ao  
Departamento de Sociologia da  
Universidade de Brasília como um dos  
requisitos para obtenção do grau de bacharel  
em Ciências Sociais, com habilitação em  
Sociologia.

Orientador: Stefan Fornos Klein

Brasília

2023

A vida é loka

*Esses dias tinha um moleque na quebrada  
com uma arma de quase 400 páginas na mão.  
Umas minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.  
Um cara sem nike no pé indo para o trampo com o zóio vermelho de  
tanto ler no ônibus.  
Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas.  
Depois saíram vomitando versos na calçada.  
O tráfico de informação não para, uns estão saindo algemado aos  
diplomas depois de experimentarem umas pílulas de sabedoria. As  
famílias, coniventes, estão em êxtase.  
Esses vidas mansas estão esvaziando as cadeias e desempregando os  
Datenas.  
A Vida não é mesmo loka?*

Sérgio Vaz

## Agradecimentos

À minha mãe, Vânia, por sempre ter me apoiado, materialmente e emocionalmente, na trajetória acadêmica. Seu nome deveria estar em letras garrafais no diploma, ele é mais seu que meu.

Aos meus amigos, Pedro Henrique, Gracielle, Vanessa, Mariana, Pedro Soares e Paula que sempre estiveram ao meu lado me apoiando em cada decisão, mas sem deixar de lado as críticas necessárias. Vocês souberam colocar meu pé no chão quando nem eu soube.

À Natalia, uma irmã querida que me acalmou em diversos momentos durante a escrita deste trabalho e não deixou que eu duvidasse da minha capacidade. Entre os tênis, rap, pagodes e as loucuras da vida a gente construiu um bagulho muito louco. É nós, te amo!

À Ananda, ela que é um dos meus modelos de intelectual orgânica. Espero ser ao menos metade do ser humano incrível que você é.

Ao meu orientador, Stefan Klein. Todo estudante deveria ter uma orientação tão absurdamente incrível quanto a sua. A liberdade com que pude escrever e as reflexões propostas em cada correção foram fundamentais para meu crescimento. E, claro, os elogios durante o processo de escrita me fizeram acreditar que realmente eu estava indo por um caminho acertado!

A Jacqueline Moraes Teixeira e Mariana Sales de Abreu, por terem aceitado o convite para compor a banca de defesa.

Por fim, meus agradecimentos aos quatro pretos mais perigosos do Brasil! Os Racionais MC's me ensinaram, desde cedo, o valor da periferia e daqueles que dela são cria. Salve!

*Pra geral das quebradas que, assim como eu, tem nos Racionais MC's  
uma referência pra vida!*

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo entender o papel do rap como uma ferramenta político-cultural de conscientização da juventude negra brasileira a respeito da categoria racial como estruturante da nossa realidade. Para isso realizo uma investigação ancorada no álbum *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais MC's, lançado em 1997. A escolha do álbum se deu por sua relevância teórico-artística, isto é, a forma como sua estética está intrinsecamente relacionada ao seu conteúdo, fornecendo assim uma fonte crítica de interpretação da realidade racial brasileira. O fato de a narrativa tematizar o cotidiano da periferia, a partir de uma perspectiva de quem a vive, é fator central na ponte entre a mensagem e o público alvo. Percorrendo a violência estatal, os estigmas da juventude negra e o mito da democracia racial, esta pesquisa busca sustentar a relevância da obra dos Racionais MC's enquanto possibilitadora de subjetividades antirracistas.

**Palavras-chave:** Racionais MC's; *Sobrevivendo no inferno*; antirracismo; violência, consciência e memória.

## **Abstract**

This work aims to understand the role of rap as a political-cultural tool to raise awareness among black Brazilian youth about the racial category as a structuring element of our reality. To achieve this, I carry out an investigation anchored in the album *Sobrevivendo no inferno*, by Racionais MC's, released in 1997. The album was chosen for its theoretical-artistic relevance, that is, the way in which its aesthetics are intrinsically related to its content, thus providing a critical source of interpretation of the Brazilian racial reality. The fact that the narrative thematizes daily life in the periphery, from the perspective of those who live it, is a central factor in the bridge between the message and the target audience. Going through state violence, the stigmas of black youth and the myth of racial democracy, this research seeks to sustain the relevance of the work of Racionais MC's as an enabler of anti-racist subjectivities.

**Keywords:** Racionais MC's; *Sobrevivendo no inferno*; antiracism; violence, conscience and memory.

## Sumário

Sumário	3
Introdução	10
1. Uma bíblia velha, uma pistola automática e os quatro pretos mais perigosos do Brasil	13
1.1 Os Racionais MC's ocupam a universidade	13
1.2 Contexto sócio-histórico	16
1.3 Metodologia	18
1.4 Uma introdução à organização e estética de <i>Sobrevivendo no inferno</i>	21
1.5 Democracia racial e a mistificação do real	24
2. Na fronteira do céu com o inferno a sobrevivência depende do verso violentamente pacífico	30
2.1 De qual violência estamos falando?	32
2.2 A experiência da juventude negra nas cidades	40
3. Entre a consciência e a memória o ensinamento da favela é claro: malandragem de verdade é viver	45
3.1 Os Racionais MC's e a memória negra brasileira	45
3.2 Encarceramento em massa e racismo estrutural	54
Considerações finais	61
Referências	64

## Introdução

A primeira lembrança que tenho de ouvir os Racionais MC's é de meados de 2004. Naquele momento, com 7 anos e morador da Ceilândia sul, eu ficava completamente hipnotizado pelos Monzas marrons rebaixados que passavam na rua tocando clássicos do rap nacional. Inclusive, para escrever essa introdução, coloquei alguns desses clássicos para tocar e ajudar a me transportar pro Lucas do início dos anos 2000 – um salve para Viela 17, Câmbio Negro, Tropa de Elite, Atitude Feminina, Cirurgia Moral, DJ Jamaika, Realidade Cruel, GOG, Ndee Naldinho, Guind'art 121, Voz Sem Medo, e tantas e tantos outros.

Foi nesse contexto que, na minha memória, ouvi Racionais MC's pela primeira vez. Em um som muito alto e com graves pesados pude ver várias pessoas cantando cada palavra de *Negro Drama* como se estivessem falando de si mesmas – hoje entendo que provavelmente estavam mesmo. Depois daquilo eu não parei até decorar aquela letra de quase 7 minutos de duração e sem refrão. Em um primeiro momento, claro, eu não tinha a dimensão dos assuntos tratados naquela música nem em boa parte de outras: minha vontade era apenas cantar os melhores raps da cena e competir com os amigos para saber quem conseguia cantar mais letras sem errar. Mas a dimensão do que o rap, em específico, e a cultura hip-hop, em geral, representavam para a comunidade começou a ganhar novos contornos quando me deparei com histórias de ex-detentos ou pessoas que mudaram os rumos da sua própria vida por meio do hip-hop.

Foi nessa mesma época que me aventurei, infelizmente por um curto período de tempo, no grafite e tive a oportunidade de conhecer alguns integrantes do DF Zulu<sup>1</sup> e a importância do seu trabalho, inclusive dentro das escolas. Foi a partir de um projeto do grupo vinculado à escola que eu frequentava que pude compreender melhor a relevância daquele trabalho. As tintas, os versos, a dança e os improvisos nos discos de vinil eram fontes de lazer e cultura bem como construtores de pontes para futuros que não se resumiam ao cárcere ou ao caixão.

---

<sup>1</sup> O grupo DF Zulu Breakers formado em 1989 na Ceilândia se organizou, principalmente, em torno do break dance e grafite. O coletivo surgiu com a proposta de transformação social da comunidade, com foco na juventude negra, por meio da cultura hip-hop. Hoje são reconhecidos mundialmente, tanto em competições de dança como pelo seu papel ativo de mobilização da juventude em prol de melhores condições de vida e justiça social.

Todas essas experiências me permitiram escutar mais atentamente o que os Racionais MC's estavam falando, até porque o efeito que o grupo causava em pessoas próximas a mim me instigava a entender melhor o significado de tudo aquilo. Foi então que ouvi todo o álbum *Sobrevivendo no inferno* e me recordei de não ter escutado outra coisa por pelo menos uma semana. O meu primeiro contato com formulações a respeito do cotidiano no Brasil veio por meio de um álbum de rap e com certeza nunca esquecerei isso – talvez por isso mesmo tenha me proposto a fazer esta pesquisa.

Mas um fato precisa ser dito, por mais que pareça óbvio: me debruçar sobre este álbum como pesquisador, levando em consideração toda a estrutura formal de um trabalho acadêmico, foi completamente diferente da minha perspectiva enquanto ouvinte do mesmo. Já escutei o álbum repetidas vezes durante esses quase 20 anos desde o meu primeiro contato com a obra, conheço cada verso de cada música e, mesmo assim, me surpreendi com todo um novo e outro universo de simbologias e alegorias – a construção do álbum enquanto um culto evangélico e a figura do pastor marginal são exemplos práticos disso.

Ao iniciar as primeiras formulações, hipóteses e pressupostos desta pesquisa eu tinha em mente compreender como os Racionais MC's contribuíam para que a juventude negra e periférica, que os escutava, compreendesse os mecanismos racistas da nossa sociedade e criassem uma subjetividade e atitudes ativamente antirracistas. Eu, como ouvinte do grupo, já sabia que a questão racial era central na obra dos Racionais MC's, mas a primeira dificuldade veio ao notar que a temática não estava dada textualmente de forma explícita nos versos desse álbum. Há, evidentemente, alguns versos que apontam diretamente a questão racial, mas essa não é a tônica predominante do álbum. Precisei, então, buscar caminhos para sustentar meus argumentos e conseguir trazer para primeiro plano a centralidade da questão racial.

Certamente essa foi a parte mais instigante da pesquisa, pois pude destrinchar o álbum em uma imersão que não tive oportunidade de fazer em todos esses anos como ouvinte. A perspectiva da periferia sendo deslocada para o centro das análises sobre a sociedade brasileira proporciona uma leitura do real que desvela camadas talvez pouco acessadas por um trabalho unicamente teórico. Com isso quero dizer que a pesquisa parte do pressuposto de que os mecanismos utilizados pela população negra periférica para rasgar o véu ideológico da democracia racial não necessariamente passam pelos moldes acadêmicos, mas nem por isso deixam de cumprir o seu papel de crítica social, nesse caso, com espetacular construção estética. Dessa forma, a perspectiva do sujeito

periférico vem para se colocar no mundo e criar um espaço privilegiado de debate sobre a complexidade da construção da subjetividade negra face à objetividade marcada por uma sistemática marginalização e genocídio. Dessa forma o rap se apresenta como uma ferramenta político-cultural de conscientização da população jovem brasileira a respeito da categoria racial como estruturante da nossa realidade. Isto é, o fazer político, entendido aqui de forma mais ampla abarcando aspectos da vida social cotidiana, e não apenas circunscrito à política institucional, se faz presente por meio de ferramentas específicas da cultura na qual o rap se insere: “o todo político está além das instituições que funcionam supostamente como sede ou fonte do poder (político)” (CAMARGOS, 2015, p. 104). Nesse contexto o álbum *Sobrevivendo no inferno* estabelece uma narrativa que tematiza a realidade da periferia a partir da perspectiva de quem a vive.

Esse fato é determinante porque não se trata da simples representação material do cotidiano periférico, mas sim do modo como o imaginário dos sujeitos se constituem a partir de um determinado meio. Quero dizer com isso que, e podemos observar nas diversas alegorias e metáforas utilizadas durante todo o álbum, inclusive no próprio título, a organização discursiva é própria de uma realidade específica. Os códigos utilizados constituem o real na mesma medida em que fazem parte do imaginário coletivo da quebrada, para utilizar um melhor termo.

Estruturei a pesquisa de forma que pudesse apresentar um pouco da trajetória dos Racionais MC's e sua relevância teórico-cultural, bem como fornecer certo olhar a respeito da construção do álbum em questão. Digo teórico-cultural no intuito de demarcar o entendimento que tenho da contribuição da obra dos Racionais MC's enquanto reflexão teórica em torno de aspectos do cotidiano, bem como sua importância na formação cultural, nas periferias do Brasil, do *hip-hop*. Todos esses pontos podem ser encontrados no capítulo 1, bem como a metodologia utilizada. No capítulo 2 adentro alguns dos temas escolhidos para serem trabalhados a partir do álbum, a saber: o debate em torno da violência e suas diferentes formas de materialização e apreensão, assim como a experiência da juventude negra enquanto moradora de grandes centros urbanos. Por fim, o capítulo 3 procura estabelecer certa convergência entre os conceitos de consciência e memória, trabalhados por Lélia Gonzalez, e a construção da narrativa de *Diário de um detento*, uma das faixas principais do álbum. Costuro esse debate sustentando a construção dessa memória usando como elemento central o encarceramento em massa da população negra enquanto forma de expressão de algo mais sistêmico: o racismo estrutural.

## 1. Uma bíblia velha, uma pistola automática e os quatro pretos mais perigosos do Brasil

### 1.1 Os Racionais MC's ocupam a universidade

*O Rap é compromisso, não é viagem* (Rap é compromisso – Sabotage, 2000)

Considero ser primordial debater alguns pontos a respeito da trajetória dos Racionais MC's, não só para legitimar sua escolha como ponto de partida para a reflexão deste trabalho, mas também com vistas a localizar a centralidade do álbum *Sobrevivendo no inferno* na cena do rap nacional. O grupo formado em 1988 por Pedro Paulo Soares de Oliveira (Mano Brown), Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue), Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay) é, ainda hoje, referência para muitos que estão inseridos no rap, seja como artistas ou ouvintes, mas não somente.

O impacto de sua obra é tamanho que, inclusive, se tornou tema de grande interesse dentro da universidade. O grupo tem sido, desde o início dos anos 2000, tema de pesquisas que vão desde artigos a teses de doutorado<sup>2</sup>. Um marco nessa trajetória de inserção na universidade foi a aula pública, junto aos integrantes do grupo, ministrada na UNICAMP como culminância da disciplina “Tópicos especiais em antropologia IV: Racionais MC's no pensamento social brasileiro”<sup>3</sup>. Ocupar o espaço acadêmico com uma produção artística feita por e para a periferia é, certamente, um avanço importante. Dentre as publicações podemos citar: *O evangelho marginal dos Racionais Mc's* (2018), de Acauam Silvério de Oliveira; o texto introdutório do livro *Sobrevivendo no Inferno; Radicais, raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo* (1999), de Maria Rita Kehl; *A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown* (2012), que foi a tese de doutorado de Rogério de Souza Silva. E, como destaque, fica a obra de Walter Garcia, pois dentre as referências aqui utilizadas foi quem mais sistematicamente voltou parte de suas pesquisas aos Racionais: *Diário de um detento: uma interpretação* (2007); *Ouvindo Racionais MC's* (2004); *Sobre uma cena*

<sup>2</sup> Com isso não quero dizer serem os Racionais MC's o único grupo de rap a ter visibilidade dentro da universidade, mas sim exemplificar sua relevância também nesse campo. Certamente um estudo comparativo relacionando artistas de rap enquanto temas de trabalhos acadêmicos seria bastante frutífero.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M2Ua7lldj84>.

de "Fim de semana no Parque", do Racionais MC's (2011) e *Elementos para a crítica da estética do Racionais MC'S (1990-2006)* (2013).

Em *O evangelho marginal dos Racionais MC's* (2018), Acauam de Oliveira nos oferece uma análise preciosa de parte da trajetória dos Racionais, suas mudanças e aperfeiçoamento estético crítico, desde suas primeiras composições em 1988 até um breve apontamento do álbum *Nada como um dia após o outro dia*, de 2002. Mas o foco, como esperado, é a construção do álbum *Sobrevivendo no inferno*, com sua mensagem densa e bem articulada esteticamente. A luz que Oliveira lança sobre aspectos fundamentais para se compreender a complexidade estrutural do álbum, tanto em termos próprios quanto em comparação a outros trabalhos do grupo e de artistas renomados da música brasileira, erige uma atmosfera que garante a centralidade do álbum como expressão de reflexão crítica da sociedade brasileira.

Já o texto de Maria Rita Kehl *Radicais, raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo* (1999) propõe uma reflexão sobre a construção da identificação dos “manos” enquanto um grupo marginalizado socialmente: “A força dos grupos de rap não vem de sua capacidade de excluir, de colocar-se acima da massa e produzir fascínio, inveja. Vem de seu poder de inclusão, da insistência na igualdade entre artistas e público” (KEHL, 1999, p. 96). É essa atitude, aliada à contundência da narrativa e do formato exposto carregado de revolta, que garantem ao sujeito marginalizado – isso, claro, sem romantizar o cotidiano violento – a oportunidade de se fazer ouvir e denunciar a realidade miserável à qual é relegado:

O real é a matéria bruta do dia-a-dia da periferia, é a matéria a ser simbolizada nas letras do rap. Uma tarefa que, como todo trabalho de simbolização, depende de um trabalho de criação de linguagem que só pode ser coletivo. É como se os poetas do rap fossem as caixas de ressonância, para o mundo, de uma língua que se reinventa diariamente para enfrentar o real da morte e da miséria (KEHL, 1999, p. 104).

A tese de doutorado de Rogério de Souza Silva: *A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown* (2012) constrói uma importante reflexão no que diz respeito à formação de Mano Brown enquanto um intelectual orgânico, tomando por base os escritos de Antônio Gramsci. Sua tese percorre um caminho de elucidação do movimento *hip hop* e seu caráter de contestação da realidade vivida por jovens marginalizados nas grandes metrópoles. A partir da hipótese segundo a qual o *hip hop* seria um veículo transformador de vidas, Silva sustenta, apoiado na análise das poucas – porém muito elucidativas – entrevistas concedidas por Mano Brown a algumas revistas, que o líder dos Racionais MC's pode ser entendido como um representante da

periferia. Para tanto se realiza, para além das entrevistas, um apanhado geral da vida e obra de Mano Brown e sua influência na cena cultural brasileira, mais especificamente do rap, com importantes contribuições críticas.

Por fim, os textos aqui citados de Walter Garcia são, com exceção de *Ouvindo Racionais MC's* (2004), análises de algumas músicas que marcaram a carreira do grupo. Garcia apreende o estilo categórico das músicas enquanto “uma obra de arte que expressa não *a*, mas *uma* visão crítica do muro enxergado pelo lado da periferia.” (GARCIA, 2004. p. 169 – itálicos no original). Essa reflexão será de muita valia para esta monografia na medida em que, posteriormente, articularei o conjunto do álbum *Sobrevivendo no inferno* com as proposições de Adorno a respeito do ensaio como forma. Vale ressaltar que alguns dos enfoques trabalhados pelo autor, mesmo que contribuam para o debate ensaístico, extrapolam os recortes desta pesquisa, como, por exemplo, a análise da construção morfossintática das rimas. Trata-se, portanto, de um convite a pensar possibilidades de estudos que possam trazer à superfície os diversos aspectos que compõem a complexa composição dos Racionais. A obra de Garcia nos fornece um panorama relativamente sistemático por ter sido desenvolvida no percurso de vários anos, o que permitiu ao autor captar a construção do fenômeno Racionais enquanto uma voz da periferia altamente crítica e potente.

Boa parte desses escritos sustentam a especificidade da estilística do grupo no que diz respeito à construção da forma e conteúdo de suas músicas que, articuladas em um todo coeso, resultam em uma crítica social contundente. Diante disso, o foco dado aos Racionais MC's e seu álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) é fruto de dois motivos principais, estando ambos em relação simbiótica de retroalimentação, a saber: (i) a produção e reflexão de um conhecimento a respeito da realidade material cotidiana que não provém das estruturas socialmente legitimadas como a universidade, por exemplo, mas que contribui decisivamente para uma melhor compreensão da realidade social; (ii) o protagonismo dos sujeitos periféricos que, dadas as circunstâncias de sistemática negação de espaços, muitas vezes não têm acesso às produções que tematizam seu próprio lugar social. Se o racismo estrutural nega espaços propícios para a juventude exercer uma reflexão do ser e estar no mundo, abordando toda sua complexidade, então é preciso não só lutar para estar nesses espaços, mas valorizar o que foi possível ser feito mesmo sem eles.

## 1.2 Contexto sócio-histórico

Lançado em 1997, *Sobrevivendo no inferno* foi responsável por dar uma projeção nacional para o grupo, alcançando o feito de ter mais de 1,5 milhão de discos vendidos. Para além disso, em 2018 a obra foi inserida como leitura obrigatória do vestibular da UNICAMP e, recentemente, foi eleito o 9º melhor álbum da história da música brasileira (EXAME, 2022). Mesmo sendo um grupo formado no final dos anos 1980, portanto sem acesso às plataformas digitais o que, comparado ao mundo atual da música, dificultava a circulação de seus trabalhos, os Racionais MC's contam hoje com um número de mais de 2 milhões de ouvintes mensais no *spotify*. Se comparados com *rappers* mais atuais como Djonga (2 milhões e 700 mil), Emicida (2 milhões e 177 mil) ou Filipe Ret (5 milhões e 700 mil) é perceptível o tamanho de sua influência ainda hoje. Outro ponto a se destacar são as raríssimas aparições do grupo em programas de TV ou rádio, diferentemente de todos os artistas aqui citados, ou seja, mesmo sem uma inserção recorrente nas mídias, o grupo alcançou e mantém tamanha relevância.

Uma primeira aproximação que é possível ter do Brasil dos anos 1990, se olhado a partir do cotidiano das periferias dos grandes centros urbanos, pode ser classificada segundo as palavras de Acauam Oliveira como sendo “um Estado cujo principal princípio de atuação era o gerenciamento da miséria por meio da violência” (RACIONAIS TV, 2018). A intensificação das políticas neoliberais e a consolidação da globalização construíram as bases para um projeto político-econômico que minava políticas de proteção social. É característica do neoliberalismo uma grande hostilidade a iniciativas de solidariedade social que, em algum nível, interferem na dinâmica de acumulação do capital (HARVEY, 2005, p. 85). A tendência, principalmente nos países de inserção dependente na divisão internacional do trabalho, é de baixos salários, pouca seguridade social e desmonte das proteções ao trabalhador. Diante desse cenário, acrescida a dinâmica de ocupação das periferias dos centros urbanos por famílias que buscavam oportunidades de emprego, observa-se o inchaço das cidades. Segundo Ermínia Maricato, “considerando apenas a última década do século XX, as cidades brasileiras aumentaram em 22.718.968 pessoas” (MARICATO, 2000, p. 21). A recessão das décadas de 1980 e 1990, conhecidas como “décadas perdidas”, o grande contingente populacional nas periferias, pouca estrutura urbanística – muitos desses territórios sem ao menos saneamento básico – criaram as condições para o que veio a ser conhecido

como violência urbana. Por sua centralidade na dinâmica do cotidiano da periferia, esse tema não deixou de ser analisado pelos Racionais MC's: “Um mano me disse que quando chegou aqui/ Tudo era mato e só se lembra de tiro, aí/ Outro maluco diz que ainda é embaçado/ Quem não morreu, tá preso ou sossegado” (*Periferia é periferia (Em qualquer lugar)*, RACIONAIS MC's, 1997). Em entrevista ao *Le Monde Diplomatique*, Mano Brown relata um pouco da realidade do dia-a-dia no Capão Redondo, na Zona Sul de São Paulo, e o papel do rap na mediação dos conflitos a partir de uma reflexão crítica:

Era uma prioridade de todos lutar pela raça, pela quebrada [...] tem um genocídio acontecendo, mano [...] Racionais uniu quebradas, uniu bairros que não se conversavam, que tinha guerra [...] essa conscientização aconteceu nos beco, nos bar, os cara cheirano ouvindo Racionais louco [...] e analisando ideia do Racionais [...] A época que a mortalidade aqui na Zona Sul era o recorde mundial, Capão Redondo [...] na época mais violenta, no bairro mais violento é aqui que eu cresci. (MANO BROWN, 2018).

Em face desse contexto de violência, propiciado por pouca ou nenhuma política pública de assistência social, promoção de saúde e educação de qualidade ou moradia e trabalho digno, o Estado passa a atuar nas periferias apenas por meio do braço armado. Enquanto herança do período ditatorial, há pouco superado, a polícia militar se torna uma das instituições mais ativas nesses bairros. “A polícia sempre dá o mal exemplo/ Lava minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro/ Pra dentro de cada canto da cidade/ Pra cima dos quatro extremos da simplicidade/ A minha liberdade foi roubada/ Minha dignidade, violentada” (*Mágico de Oz*, RACIONAIS MC's, 1997). Para além do pano de fundo da violência cotidiana – e aqui entendo a violência não apenas como o monopólio legítimo do uso da força pelo Estado, mas também a negligência para com a população vulnerabilizada – três grandes episódios se mostram como centrais para a construção do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, a saber: o massacre do Carandiru, em 1992, muito bem tematizado na música *Diário de um detento* composta por Mano Brown e Jocenir, um dos sobreviventes do massacre; a chacina da Candelária, em 1993, quando policiais e ex-policiais assassinaram pessoas em situação de rua que dormiam perto da Igreja da Candelária, sendo oito mortas, todas com idade entre 11 e 19 anos; e a chacina de Vigário Geral, também em 1993, na qual um grupo de pessoas encapuzadas, dentre elas ex-policiais militares, invadiram casas da comunidade e assassinaram 21 pessoas.

Os mecanismos utilizados pela juventude para viver em um espaço de tamanho abandono estatal e crescimento da violência foram, em muitos casos, os coletivos

artísticos. O crescimento vertiginoso de grupos ligados ao movimento *hip-hop*, bem como a escolas de samba, grupos de teatro e de literatura marginal, como o coloca Tiaraju D’Andrea em uma entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos, tinha algumas causas específicas (D’Andrea, 2019). Dentre elas destaco a arte como saída do cotidiano violento; a produção artística como meio de subsistência material tendo em vista os investimentos nessa área e a precarização no mundo do trabalho, além de alternativa ao mundo do crime; a arte como meio de organização e atuação política; a produção artística enquanto veículo humanizador diante de uma realidade que constantemente negava a humanidade de corpos negros periféricos e a produção local de uma cultura feita por e para a periferia em denúncia à segregação. Os Racionais MC’s não fogem a essa regra.

É nesse sentido que as vivências dos *rappers*, como bem aborda Camargos, funcionam de modo a fazerem convergir certa formação de representações do mundo social de forma a destacar o importante papel social de suas músicas. Dessa forma, o *rapper* se apresenta como um agente de transformação social por meio de seus versos (CAMARGOS, 2015, p. 81). Ou seja, o rap, e de forma mais abrangente a cultura hip-hop, é gestado dentro de uma perspectiva altamente política. Seu viés crítico, mesmo que não necessariamente sempre presente, é um dos fatores intrínsecos à sua formação. Sendo assim, o engajamento no rap é constituído por uma série de ações, valores, práticas e discursos que compartilham certa visão dos *rappers* como agentes ativos no meio social. O vínculo entre compositor, obra e sociedade se instaura de forma a se pensar a música como meio de transformação social e não fim em si mesma (CAMARGOS, 2015, p. 84).

### **1.3 Metodologia**

O percurso para testar a validade da hipótese desta pesquisa se deu por meio de uma análise fundamentalmente teórica apoiada nas reflexões da Teoria Crítica e do Pensamento Feminista Negro, com foco na produção de Adorno, Lélia Gonzalez e Patricia Hill Collins. Especificamente este arcabouço teórico contribuiu para a pesquisa na medida em que forneceu uma estrutura reflexiva para articular a relação entre forma e conteúdo dentro da obra *Sobrevivendo no inferno* bem como os sujeitos que a construíram. As metáforas, disposição das canções, os elementos da realidade material e a forma como são tratados foram alguns dos pontos que percorri durante a pesquisa.

Dessa forma, a crítica imanente e o fazer ensaístico propostos por Adorno constituem a base para analisar conceitos e metáforas utilizadas no álbum para se aproximar da crueza da realidade no cotidiano das periferias. E, ao mesmo tempo, nos convocam a pensar como a linguagem utilizada pelos Racionais se articula nas rimas de várias formas e em contextos diferentes para tentar, por meio dos versos, construir imagens do real, mesmo que por vezes pareçam ser limitadas por não dar conta do caos tematizado. Por isso a experiência de estar inserido nesse contexto se mostra primordial para construir o ponto de vista do sujeito periférico. Neste ponto as obras de Adorno e Collins se complementam, pois enquanto utilizo Adorno para construir certa reflexão a respeito da estrutura geral do álbum, Collins apresenta, mais detidamente, a questão racial como um dos aspectos centrais.

À vista disso, exemplos como a composição *Diário de um detento*, escrita a partir do diário de Jocenir - diário esse que, inclusive, teve a contribuição de diversos presos na época -, um dos sobreviventes ao massacre do Carandiru, funciona como um verdadeiro relato épico. Nas palavras de Garcia “a proximidade do narrador com a história, se é traço lírico, também não deixa de ser o recurso épico possível diante de fatos que não permitem a observação imparcial, e nem mesmo a imitação estética dessa situação” (GARCIA, 2007. p.183).

As contribuições de Collins, mais especificamente seu trabalho em torno do conceito de *outsider within*, forneceu, para as delimitações desta pesquisa, ponderações a respeito da produção de um pensamento sociológico localizado às margens do universalmente institucionalizado. Dito de outro modo, o foco dado à reflexão sociológica que não parte diretamente de métodos acadêmicos, mas sim percorre caminhos críticos criativos, estabelece convergências com a obra de Adorno, bem como com o argumento por mim sustentado em relação à obra *Sobrevivendo no inferno*, a saber: a produção e reflexão de um conhecimento a respeito da realidade material cotidiana que não provém das estruturas socialmente legitimadas como a universidade, por exemplo, mas que contribui decisivamente para uma melhor compreensão da realidade social.

Mesmo que o trabalho aqui utilizado de Collins esteja mais detidamente voltado ao estudo das mulheres afro-americanas, entendo que suas reflexões se encaixem coerentemente no foco desta pesquisa. São justamente os *outsiders within* aqui tratados que podem acrescentar perspectivas distintas ao pensamento sociológico contemporâneo, bem como jogar luz em aspectos da realidade pouco acessados pelos

métodos sociológicos ortodoxos (COLLINS, 2016, p.101). Exemplo semelhante se deu no uso do trabalho de Lélia Gonzalez, com a diferença de seu trabalho, mesmo que também com ênfase na mulher negra, estar inserido na construção racial da realidade brasileira e formas de contestação da mesma.

Os estudos de Gonzalez permeiam profundamente a questão racial, mas a escolha por fazer dela uma das referências centrais aqui se deu mais por sua relevância no debate da formação social brasileira, tendo a questão racial como um fator indispensável nesse processo. Isso porque, a partir da linha argumentativa que procurei traçar em paralelo com a obra dos Racionais MC's, a autora nos instiga a pensar o papel que os conceitos de consciência e memória desempenham na construção do mito da democracia racial e os esforços da população negra em desmistificá-lo, ao mesmo tempo em que retomam uma memória ativamente apagada. Nesse sentido, a memória é posta como parte de um projeto de reescrita da história negra brasileira.

O álbum *Sobrevivendo no inferno* se insere nesse processo por dois motivos principais: i) sua capacidade de contextualizar um Brasil específico, mas que, ao mesmo tempo, retoma o histórico da sua própria formação enquanto povo e, mesmo que não explicitamente, em todos os momentos a questão racial está presente; ii) o papel que o grupo, e mais especificamente o álbum em questão, teve em popularizar debates a respeito da questão racial enquanto fator determinante na vivência – e sobrevivência – da juventude negra brasileira. Procurei sustentar esses argumentos por duas vias que se complementam, a primeira sendo a apresentação do álbum como um documento histórico brasileiro que passou, inclusive, a ser estudado nas universidades na qualidade de produção teórica sobre o Brasil (haja vista o volume de produções acadêmicas voltadas ao seu estudo e, inclusive, disciplinas que se dedicam a estudar o grupo). A segunda se deu por meio do destacamento de alguns temas que perpassam o álbum e podem ser encontrados nos versos de quase todas as músicas.

Esse segundo aspecto merece que eu me detenha um pouco mais na medida em que contextualiza o percurso que percorri para validar minhas hipóteses iniciais. É fato que o álbum pode ser estudado com ênfase em pontos diversos, mas procurei delimitar aqueles que entendi serem mais coesos para estruturar meu estudo. Partindo das letras, destaquei algumas temáticas que se apresentaram com mais proeminência e por meio delas busquei entender o modo como o grupo, valendo-se da construção estética nos versos, articulou uma mensagem conscientizadora da, para e pela juventude negra. Se, como apresentei pelos dados do IBGE, o acesso ao ensino superior pela juventude negra

era muito reduzido e os debates em torno da questão racial brasileira se davam, majoritariamente, nesses espaços, boa parte da própria juventude negra que deveria estar acessando esse conhecimento se encontrava impossibilitada de ocupar as salas de aulas das universidades. Dessa forma, construir uma subjetividade antirracista nessas e nesses jovens, naquele momento, não era algo que se dava, pelo menos não em grande parte, por meio das produções acadêmicas. O movimento negro e o hip-hop foram os centros gravitacionais que aglutinaram essa juventude e fizeram o papel de formação, ao lado de uma intensa produção cultural.

Por fim, procurei articular como os temas escolhidos podem ser entendidos enquanto expressões do racismo estrutural, conceito esse trabalhado pelo filósofo brasileiro Silvio Almeida. É, então, por meio do resgate dessa memória negra e do papel ativo de desmistificação da democracia racial que optei pela obra dos Racionais MC's enquanto impulsionador de conscientização da juventude negra e, possivelmente, uma postura combativa frente às mazelas advindas do racismo.

#### **1.4 Uma introdução à organização e estética de *Sobrevivendo no inferno***

*Sobrevivendo no inferno* é certamente um marco estético não só na trajetória dos Racionais MC's, mas também na história do rap nacional. Sustentar esse argumento não é tarefa difícil se observarmos a articulação entre a forma e o conteúdo presente no álbum e a contundência da mensagem resultante desse processo. Um primeiro grande aspecto a se destacar é a disposição do álbum em forma de um culto religioso evangélico – a presença neopentecostal é uma forte referência neste álbum – em que somos guiados por um “pastor marginal” que carrega consigo o código moral da periferia, metaforizado na figura da bíblia velha, para sobreviver no inferno.

O álbum inicia com um canto de louvor e pedido de proteção ao santo guerreiro que os acompanhará nessa caminhada representado pela música “Jorge da Capadócia”. Segue a leitura do evangelho marginal (Gênesis) que nos dá indícios da estrada tortuosa que percorreremos e a postura necessária adotada pelo sujeito-guia: “Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática/ Um sentimento de revolta/ E tô tentando sobreviver no inferno”. O pregador então entra em cena com “Capítulo 4, versículo 3”, mas esse não é um culto comum em que a palavra divina se manifesta enquanto preceito universal para se alcançar a salvação. Aqui a bíblia velha anda lado a lado com a pistola automática, ou seja, o código ético moral é constituído a partir de um emaranhado

complexo de leis para a vivência (ou sobrevivência) na periferia. A continuidade se dá com dois testemunhos de pessoas que se perderam do caminho da salvação pregado pelo pastor marginal e que acabaram em fins trágicos, “Tô ouvindo alguém me chamar” e “Rapaz comum”. Chega-se, então, a um interlúdio com um som musical de fundo em uma alusão a um momento de respiro para se velar os mortos, mas que, assim como a realidade, não dura muito tempo e é interrompido por tiros que retomam a pregação.

A mensagem central trazida em “Diário de um detento” é um relato profundo do próprio inferno e do destino daqueles que não tomaram o caminho certo no proceder da favela. Em seguida há dois exemplos de atuação do demônio, o primeiro dentro da comunidade (“Periferia é periferia”) e o segundo fora da comunidade (“Qual mentira vou acreditar”). O álbum/pregação termina com uma reflexão sobre o caminho percorrido e os limites da palavra de salvação já que, como dito anteriormente, a construção do código ético moral aqui não está desvinculada da realidade material vivenciada pelo pregador e pelos fiéis materializados em “Mágico de Oz” e “Fórmula mágica da paz”. Por fim, em “Salve”, um agradecimento a todos que vieram ouvir a palavra. *Sobrevivendo no inferno* cria, portanto, uma atmosfera articulada em si permitindo a construção de um fio narrativo com começo, meio e fim abarcando, em seu desenvolvimento, temas diversos que analisarei mais atentamente nos capítulos seguintes. Cavalcante nos fornece uma perspectiva, a meu ver, acertada em se tratando do álbum:

Escolher este álbum como um conjunto teórico que versa sobre a década referida é como puxar da estante um livro específico que faz parte de uma coletânea teórica da realidade. O conjunto da obra, isto é, a discografia dos Racionais, acompanha temporalmente os acontecimentos sobre os anos 1990 e os anos seguintes. Isso significa que os elementos componentes da estética e da política das obras não estão alheios à realidade e, tratando-se do conteúdo das descrições, dão conta de anunciar os acontecimentos do período pela ótica negra e periférica (CAVALCANTE, 2019, p. 38).

É fato que, mesmo elaborando uma obra com tamanho rigor estético crítico, não se há de universalizar, ou pior cristalizar, as experiências e os cenários aqui tratados – levando em consideração a dinamicidade do real – e nisso entendo residir uma das potencialidades desse álbum. Ao traçar um paralelo com o fazer ensaístico que segundo Adorno “é profundo por se aprofundar em seu objeto, e não pela profundidade com que é capaz de reduzi-lo a uma outra coisa” (ADORNO, 2003, p. 27), encontra-se um campo profícuo que alicerça a análise das alegorias e metáforas utilizadas no álbum para se aproximar da crueza da realidade no cotidiano das periferias. Simultaneamente há uma convocação a pensar como a linguagem utilizada pelos Racionais se articula nas

rimas de várias formas e em contextos diferentes para tentar, por meio dos versos, construir imagens do real, mas que por vezes parecem ser limitadas por não dar conta do caos tematizado. Por isso a experiência de estar inserido nesse contexto se mostra primordial para construir o ponto de vista do sujeito periférico:

o ensaio confere à experiência tanta substância quanto a teoria tradicional às meras categorias – é uma relação com toda a história; a experiência meramente individual, que a consciência toma como ponto de partida por sua proximidade, é ela mesma já mediada pela experiência mais abrangente da humanidade histórica (ADORNO, 2003, p. 26).

O mergulho realizado pelos Racionais MC's nos becos e vielas da periferia de São Paulo se deu de modo tão orgânico que a apreensão das tensões entre o real e o ideologicamente construído<sup>4</sup> são latentes. Mas antes de discorrer melhor sobre esse ponto considero ser necessário salientar a importância de não tomar a periferia como algo genérico e abstrato construído fora de espaço-tempos específicos – o Capão Redondo, periferia de São Paulo, não é o mesmo território que a Ceilândia, periferia do Distrito Federal. Mas é inegável a coexistência de processos semelhantes<sup>5</sup> que atuam sobre a formação desses espaços e, conseqüentemente, dos sujeitos que nelas habitam: “Não existe outro lugar/ Periferia é periferia” (RACIONAIS MC'S, 1997). Essa foi uma escolha metodológica, mas não exclui a possibilidade de trabalhos comparativos da recepção das ideias dos Racionais MC's em bairros ou estados distintos.

Voltando à discussão a respeito do real e do ideologicamente construído tenho por base as reflexões político-culturais de Lélia Gonzalez no que tange à dialética entre consciência e memória, na medida em que a consciência se expressa como um campo passível de domesticação. É contra essa domesticação, carregada de alienação da realidade, que a memória faz um contraponto retornando a uma história encoberta, mas que se faz presente nas entranhas da cultura brasileira. A suposta verdade da consciência tem na memória a reconstrução crítica de uma história que se nega a ser naturalizada.

A referência à realidade mistificada se dá pela ideologia da democracia racial combatida por diversos intelectuais, movimentos sociais e artistas. Para a delimitação desta pesquisa entendo que os Racionais MC's desempenham um papel ativo, por meio

---

<sup>4</sup> Aqui a categoria de ideologia segue o entendimento construído por Lélia Gonzalez que, mesmo se referenciando, em parte, na perspectiva marxista, extrapola suas delimitações para abarcar as especificidades do contexto brasileiro com foco na questão racial. Ou seja, a ideologia é parte da produção de normas e discursos sociais que naturalizam o histórico escravocrata e suas conseqüências para a população negra no pós-abolição.

<sup>5</sup> Refiro-me aqui a dinâmicas envolvendo a baixa atuação do Estado para garantir moradia, educação, saúde e lazer de qualidade. O que, conseqüentemente, gera uma concentração maior de pessoas em situação de vulnerabilidade social, se comparado a bairros nobres.

de suas letras, na (re)construção da memória política, social e racial do Brasil e, conseqüentemente, de uma subjetividade antirracista. A perspectiva que Adorno traz sobre a experiência individual e sua articulação com a experiência histórica, atrelada à reflexão de Gonzalez de “ressaltar que emoção, subjetividade e outras atribuições dadas ao nosso discurso não implicam uma renúncia à razão, mas, ao contrário, são um modo de torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata e/ou metafísica” (GONZALEZ, 2020a, p. 44), são ferramentas que ajudarão nesse percurso. Dessa forma defendo que o ponto de contato entre essas duas perspectivas pode ser exemplificado na construção do *Sobrevivendo no inferno*. Para entender a formação dessa subjetividade permeada por aspectos da realidade cotidiana desses jovens, que D’Andrea denomina *sujeito periférico*, se faz necessário reconhecer que uma parte essencial dela se constituiu por meio da cultura de rua – mais especificamente do movimento *hip-hop*<sup>6</sup>. A obra dos Racionais MC’s entra aqui como peça chave que nos fornece contornos mais ou menos delimitados de uma experiência vivida, e compartilhada, por pessoas espalhadas em territórios diversos: “o entrecruzamento entre raça e questão urbana coloca em evidência que a população negra habita fundamentalmente os espaços segregados da cidade” (D’ANDREA, 2013, p. 149). Essa identificação é fator central no fomento de uma potencialidade subjetiva que, por ser construída em rede, se torna a objetivação de uma consciência negra combativa. Aprofundarei esse debate no capítulo seguinte.

### **1.5 Democracia racial e a mistificação do real**

A categoria de democracia racial merece alguns apontamentos mais consistentes por carregar consigo uma ampla interpretação. Aqui me detenho no texto de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães que realiza um trabalho de reconstrução e localização histórico-geográfica do termo na intenção de deixar melhor fundamentada a perspectiva adotada neste trabalho.

Guimarães argumenta que o termo *democracia racial* possuiu significados diferentes desde seu uso nos anos 1930 até meados da década de 1970, quando passa a ser uma “denúncia de sua função de ideologia dominante” (GUIMARÃES, 2019, p. 12).

---

<sup>6</sup> O movimento *hip-hop* diz respeito a uma cultura e estilo de vida que abarca essencialmente quatro elementos, sendo eles: o rap, o *break dance*, o grafite e o DJ. Neste trabalho abordo apenas do elemento rap. Há um debate sobre a existência ou não de um quinto elemento: o conhecimento. Ver Teperman, 2015.

Em um primeiro momento ele destaca, fundamentando-se na obra de Paulo Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo Leite, como os termos *democracia étnica* e *democracia racial* estavam atrelados a uma perspectiva de sociabilidade entre as raças. Desse modo, está-se diante de uma sociedade de hierarquia entre as raças brasileiras que constituem um todo a partir de suas qualidades distintas. Já em um segundo momento, apoiando-se nas argumentações de Gilberto Freyre e Arthur Ramos, o termo *democracia social*, que aparece na obra de Freyre, é substituído na obra de Ramos por *democracia racial*, designando uma convivência harmônica entre as raças. Freyre qualifica a sociedade brasileira como uma nação em que o preconceito de cor não se encontraria enraizado nas instituições políticas.

O texto de Guimarães ajuda a categorizar melhor os diversos modos com que o termo *democracia racial* e seus correlatos se construíram na sociabilidade brasileira – em muitos casos exercendo pontes e comparações com outros países. Ao distinguir pelo menos três formulações distintas<sup>7</sup> a respeito da *democracia racial* o autor permite trabalhar com uma em específico que, mesmo elaborada após e em relação às outras duas, pode contribuir melhor para as reflexões aqui propostas. Refiro-me à formulação que tem como cerne o “trânsito, mescla, intimidade e convivência entre raças” (GUIMARÃES, 2019, p. 41), ou seja, uma construção mais voltada para as relações culturais internas ao Brasil e menos às aspirações de igualdade política e civil, mesmo que não as ignore.

Compreender a complexidade das formulações de Freyre e Ramos passa por localizar o debate em suas relações com a dinâmica racial dos EUA. Esse aspecto é fundamental tendo em vista que é em oposição às especificidades do racismo estadunidense, e às demandas da população negra como a luta pelos direitos civis, por exemplo, que serão desenvolvidas as reflexões de Freyre e Ramos. Sendo assim, o Brasil, na obra desses autores, é construído, diferentemente dos EUA, como uma nação em que o preconceito de cor não gera segregação social ou dificuldades de mobilidade social.

Gonzalez, em seu ensaio nomeado *A categoria político-cultural de amefricanidade*, destaca que o racismo por denegação, presente na sociedade brasileira, cumpre um papel até mesmo mais eficaz na alienação da população negra que o racismo

---

<sup>7</sup> Preferi me centrar em uma das construções de sentido do termo *democracia racial* por entender que o debate amplo feito por Guimarães, mesmo que proveitoso, ocuparia um espaço que extrapola os contornos desta pesquisa. Mas isso não exclui a relevância das relações estabelecidas de forma sócio-histórica entre as formulações por ele sustentadas.

aberto, característico dos EUA (GONZALEZ, 2020b, p. 131). Isto porque o discurso, valendo-se de argumentos baseados na miscigenação, ou seja, em processos biológicos, se apresenta como um véu que distorce a realidade socioeconômica. Segundo dados do IBGE em um informativo de 2018 a respeito das desigualdades sociais no Brasil, a população negra, mesmo correspondendo a 54,9% da força de trabalho, ou seja, pouco mais da metade, representava 64,2% de desocupados e 66,1% de subutilizados. Essa taxa se mantém superior, em relação à população branca, mesmo quando há recorte do nível de escolaridade, sendo de 32,9% contra 22,4% dos brancos com ensino fundamental incompleto e de 15% contra 11,5% com ensino superior completo. Quando o assunto é pobreza monetária a população negra, levando em consideração os parâmetros de linha de pobreza estabelecidos pelo Banco Mundial, a saber, US\$ 5,50 dólares diários, representou, em 2018, uma taxa de 32,9% enquanto a da população branca era de 15,4%. Em se tratando de educação, a população negra entre 18 e 24 anos representava, em 2018, 55,6% dos estudantes do ensino superior contra 78,8% da população branca de mesma faixa etária. Esse indicador permite, inclusive, inferir parcialmente os dados de renda e acesso ao mercado de trabalho, já que a qualificação está diretamente relacionada à possibilidade de acesso a melhores postos de trabalho. Segundo esse mesmo informativo algo que pode auxiliar na leitura desses resultados é o maior contingente da juventude negra que não continua os estudos por precisar trabalhar e ser uma fonte complementar da renda familiar. Isso é constatado a partir dos dados de que entre os jovens negros (pretos e pardos) de 18 a 24 anos, 61,8% não frequentavam a escola por esse motivo (IBGE, 2018).

Não é novidade para as estatísticas e estudos sobre a realidade brasileira que a população negra se encontra marginalizada se comparada à população branca. E é justamente em decorrência disso que o racismo por denegação, como coloca Gonzalez, se estrutura de forma tão perigosa e enraizada no imaginário brasileiro. O mito da democracia racial se capilarizou no nosso meio social porque conseguiu se consolidar, inclusive, nas mentes daqueles que estruturam essa relação de contínua marginalização, a população negra. Segundo Clóvis Moura:

Significa que, por mecanismos alienadores, a ideologia da elite dominadora introjetou em vastas camadas de não brancos os seus valores fundamentais. Significa, também, que a nossa realidade étnica, ao contrário do que se diz, não iguala pela miscigenação, mas, pelo contrário, diferencia, hierarquiza e inferioriza socialmente de tal maneira que esses não brancos procuram criar uma realidade simbólica onde se refugiam, tentando escapar da inferiorização que a sua cor expressa nesse tipo de sociedade [...] a identidade étnica do brasileiro é substituída por mitos reificadores, usados pelos próprios não

brancos e negros especialmente, que procuram esquecer e/ou substituir a concreta realidade por uma dolorosa e enganadora magia cromática na qual o dominado se refugia para aproximar-se simbolicamente, o mais possível, dos símbolos criados pelo dominador (MOURA, 2019, p. 92).

A especificidade que a realidade racializada brasileira impõe exige que algumas análises utilizadas neste trabalho, que não foram inicialmente construídas a partir dela, se transfigurem para abarcar sua complexidade. Esse é o caso da obra de W.E.B. Du Bois e Frantz Fanon. Do primeiro mobilizo os conceitos de *véu e dupla consciência* que me fornecem um arcabouço frutífero para pensar a democracia racial no Brasil e os mecanismos utilizados pela juventude negra, por meio do rap, para estruturar uma subjetividade antirracista. Por trabalhar, simultaneamente, com os aspectos subjetivos e objetivos do racismo, Du Bois, assim como Lélia Gonzalez no contexto brasileiro, analisa de que modo os sujeitos, dominados e dominadores, estruturam – e sofrem com – uma dinâmica social em que um dos pilares é o racismo. O mesmo pode ser dito das contribuições de Frantz Fanon, resguardando as diferenças espaço-temporais, tendo em vista que sua obra também é influenciada pelos escritos de Du Bois. Em prefácio à obra *As almas do povo negro*, Silvio Almeida escreve “ultrapassar os limites entre os mundos impostos pelo racismo depende do ativismo político e da atividade intelectual. Essa ‘tomada de consciência em si’ é o que se chamaria depois de ‘Consciência Negra’” (ALMEIDA, 2021, p. 13 – aspas no original). O movimento, então, de superação da dupla consciência, dessa cisão entre ser negro e ser cidadão de um determinado país, é o objetivo a ser alcançado na perspectiva de Du Bois para que o sujeito se unifique culturalmente e com desdobramentos, também, político-econômicos.

Em se tratando da obra de Fanon, procurarei me atentar ao aspecto de seu pensamento que trata da formação da subjetividade de indivíduos negros que, apesar de ter sido formulada em um contexto colonial, o que implica diferenças espaço-temporais diversas, fornece uma base argumentativa potente para investigar o contexto brasileiro. Essa aproximação com a obra de Fanon para a estrutura das relações sociais brasileiras se dá em grande medida por sua influência no pensamento de Lélia Gonzalez – um dos pilares desse trabalho. Segundo Deivison Faustino, “o que Fanon reivindica é a análise concreta das mediações históricas e sociais pelas quais tanto os indivíduos singulares como o gênero humano são atravessados em determinado tempo e espaço” (FAUSTINO, 2022, p. 49). Isso implica dizer que o racismo se torna uma categoria indispensável para compreender a formação da subjetividade da juventude negra brasileira, mas também impulsiona a identificação dos métodos utilizados por essa

mesma juventude para se recriar. O conceito de *ideologia* é decisivo para a argumentação deste trabalho, pois caracteriza a forma pela qual a construção de uma suposta democracia racial impera no Brasil. Logo, a ideologia da democracia racial não é nada mais que um processo de distorção, melhor dizendo, falseamento da realidade material vivida no cotidiano brasileiro pela população negra. E se torna tão real e eficaz na medida em que não só opressores, mas também oprimidos a internalizam e reproduzem em sua consciência e ações diárias (GONZALEZ, 2020a, p. 34). Fanon exemplifica muito bem essa dinâmica ao tratar do negro que passa parte da sua vida na França, em contato com o mundo branco – supostamente mais humano e desenvolvido – e retorna para a colônia com uma postura de diferença em relação aos negros nativos. A mudança de postura face à sua realidade nativa é compreensível na medida em “que ele tende a ressaltar a ruptura que a partir daquele ponto se produziu. Ele concretiza um novo tipo de pessoa, que passa então a impor a seus conhecidos, a seus familiares” (FANON, 2020, p. 51).

A adoção de determinada postura, forma de falar ou mesmo se vestir constitui apenas alguns dos meios de externalização de algo muito mais profundo, a saber: a internalização, por parte dos negros, dos valores ocidentais e brancos. O dano causado por essa internalização é imensurável na medida em que introjeta na população negra uma realidade mistificada visando essencializar categorias socialmente construídas “tenhamos a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado*” (FANON, 2020, p. 107). Ou seja, é o branco que cria o negro, no sentido de que o sistema de valores hierarquizados, o conjunto de definições atribuídas ao negro etc. é construído a partir de uma lógica de dominação branca<sup>8</sup>:

o problema não se resume a um identitarismo branco a projetar um ideal de humano que mantém o negro fora, mas, sobretudo, ao fato de que as pessoas negras interiorizam esse fetiche maldito como se fosse, de fato, a sua própria imagem (FAUSTINO, 2022, p. 78).

A dinâmica que cristaliza e imobiliza os corpos negros em um campo semântico abjeto acaba por naturalizar discursos e práticas que mantêm essa população marginalizada. E no contexto brasileiro, como bem analisou Gonzalez, essa relação se refina por sua sutileza, mas que não deixa de ser incisiva e destruidora: “preto aqui é

---

<sup>8</sup> Considero imprescindível levar em conta que essa reflexão não pode estar apartada da empreitada colonialista enquanto momento de expansão do modo de produção capitalista. Há uma vasta literatura sobre a criação do conceito de raça e sua intrínseca relação no processo de subjugação de povos não-brancos como método de mundialização do capitalismo. Pela delimitação deste trabalho entendo ser inexequível desenvolver esta temática com maior profundidade neste momento.

bem tratado [...] tanto é que, *quando se esforça*, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto” (GONZALEZ, 2020c, p. 78). A reprodução de discursos dessa tonalidade por parte da população negra é um fator central para a manutenção da ordem vigente, mas é fato que essa premissa não passa sem uma constante luta no sentido oposto. A construção de um antirracismo, seja ele com o intuito de romper o *véu* que mascara a realidade afirmando positivamente o ser negro ou mesmo apontando a superação da *dupla consciência* em direção ao mundo desracializado é fruto de uma resistência cotidiana. É no movimento de negação de uma situação posta que o indivíduo pode tomar conhecimento do real e caminhar em direção a uma miríade de possibilidades. Resta responder de que maneira(s) o rap fomenta a construção dessa nova subjetividade.

## **2. Na fronteira do céu com o inferno a sobrevivência depende do verso violentamente pacífico**

*Sobrevivendo no inferno!* O título já é uma alegoria provocativa que instiga algumas perguntas, ao mesmo tempo em que dá a tônica do que está por vir. O uso de metáforas e alegorias é uma constante em todo o álbum, uma tentativa de figurar o real de modo que o ouvinte possa, em algum nível, captar a complexidade de espaços, emoções, relações e histórias narradas. O apelo à imagem do inferno não é gratuito, o álbum possui uma forte influência cristã, dado o contexto de crescimento de igrejas neopentecostais no Brasil, principalmente nos bairros periféricos. Segundo o Censo de 2010, os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil, com sua porcentagem saindo de 6,6% na década de 1980, passando para 9,0% na década de 1990 e chegando a 22,2% em 2010, totalizando mais de 42 milhões de fiéis (IBGE, 2012). Um ponto interessante de se notar aqui é a perspicácia do grupo em identificar a influência desse segmento religioso específico na população negra e periférica. Diferentemente de outros ritmos, como o samba, por exemplo, que procuram estabelecer uma identificação entre a população negra e religiões de matrizes africanas, os Racionais perceberam que era outra a realidade entre os becos e vielas<sup>9</sup>. Isto corrobora o meu argumento de que, mesmo havendo poucas referências explícitas, como em outros trabalhos do grupo, neste álbum a questão racial não deixa de ser um pilar fundamental.

A simbologia da construção do álbum enquanto um culto evangélico dividido entre canto de louvor e pedido de proteção, leitura do evangelho, pregação, testemunhos e agradecimento é o fio condutor pelo qual nos guia a figura do “pastor marginal”. Viver no inferno é tarefa impossível se pensarmos que a vivência nos convoca para algo além das necessidades básicas: vive-se quando há plenas capacidades de acesso a bens, serviços e espaços que nos proporcionam qualidade de vida. Mas há de se falar em qualidade de vida no inferno? Certamente nos deparamos com uma pergunta retórica! O inferno é a construção imagética do sofrimento eterno, da condenação, não se vive no inferno, o máximo que podemos tentar é sobreviver a ele.

---

<sup>9</sup> Ver Reina (2017), para um aprofundamento sobre a relação entre população negra e a igreja neopentecostal.

Isso posto, podemos inferir que a palavra do pastor marginal, assim como a palavra bíblica, pode até ser lida, em alguns contextos, como uma simples narração de acontecimentos, mas para quem a vive, a relação que se estabelece é completamente distinta. Essa é uma – dentre as inúmeras – das potências que esse álbum carrega, havendo não só a constatação do cotidiano de jovens negros periféricos, apesar de o grupo fazer isso com excelência, mas também um conjunto ético-moral de um caminho de sobrevivência. E sobreviver nesse inferno que é o Brasil, onde a taxa de homicídios da população negra em 2019 foi de 29,2 por 100 mil habitantes, enquanto a de brancos, amarelos e indígenas, somada, ficou em 11,2, e sendo os negros vítimas de 77% dos casos de assassinato nesse mesmo ano (IPEA, 2021), exemplifica bem que sobreviver aqui é um ato de resistência.

A figura do pastor marginal estabelece pontes muito próximas com a construção do conceito de *outsider within* trabalhado por Patricia Hill Collins em seu artigo intitulado “Aprendendo com a *outsider within*: A significação sociológica do pensamento feminista negro”. A perspectiva do pensamento feminista negro endossa a argumentação deste trabalho já com a obra de Gonzalez, mas a partir das reflexões de Collins podemos acessar, mais diretamente, outra camada que é o modo como a marginalidade, no sentido de estar às margens, contribui para enriquecer os debates sociológicos (COLLINS, 2016, p. 101). Dessa forma, o foco dado à reflexão sociológica, que não parte diretamente de métodos acadêmicos, mas sim percorre caminhos críticos criativos – estabelecendo inclusive convergências com a obra de Adorno – coloca a figura do pastor marginal em destaque. Esse fator retoma minha pretensão, explicitada no capítulo 1, de sustentar o valor de *Sobrevivendo no inferno* como a produção e reflexão de um conhecimento a respeito da realidade material cotidiana que não provém das estruturas socialmente legitimadas como a universidade, por exemplo, mas que contribui decisivamente para uma melhor compreensão da realidade social. Entendo ser relevante esse aspecto na medida em que busco sustentar as formulações a respeito do modo como esses indivíduos interpretam o real sem o respaldo acadêmico (ou a necessidade do mesmo). Quero dizer, com isso, que sua significação não carece de referências acadêmicas para se fazer relevante criticamente, tendo em vista todo seu aparato simbólico próprio, bem como linguagem e referencial. Procurei estruturar este trabalho de forma que os Racionais MC’s dialogassem com o referencial teórico proposto e não de forma a legitimar suas contribuições por meio de convergências com argumentações de autoras e autores aqui utilizados.

Mesmo que o trabalho aqui utilizado de Collins esteja mais detidamente voltado ao estudo das mulheres afro-americanas, entendo que suas reflexões se encaixem coerentemente no foco deste trabalho. São justamente os *outsiders within* aqui tratados que podem acrescentar perspectivas distintas ao pensamento sociológico contemporâneo, bem como jogar luz sobre aspectos da realidade pouco acessados pelos métodos sociológicos ortodoxos (COLLINS, 2016. p. 101).

Ao mesmo tempo em que há certo acolhimento por parte do pastor marginal face aos seus irmãos, entendendo suas dores, há também uma postura de organização desse ódio borbulhante. É preciso andar pelo certo, no proceder da favela, para não se perder pela influência do demônio: “Irmão o demônio fode tudo ao seu redor/ Pelo rádio, jornal, revista e outdoor” (Capítulo 4, versículo 3 – RACIONAIS MC’s, 1997). Mas ter, e fazer uso, dos meios necessários para se manter vivo, e a violência é uma aliada nesse momento, envolve certa complexidade social que não pode ser estudada por meio de lentes maniqueístas. Tal temática exige que eu me aprofunde nela com um pouco mais de atenção, visto seu desdobramento por todo o álbum, seja na forma – a palavra e sua entonação – ou no conteúdo.

## 2.1 De qual violência estamos falando?

*Eles querem que alguém/ Que vem de onde nóiz vem/ Seja mais humilde,  
baixe a cabeça/ Nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda/ Eu quero é  
que eles se...* (Mandume – Emicida, 2015).

Tratar de um assunto tão delicado como a violência exige que trabalhem com esse conceito não enquanto algo abstrato, despido de historicidade ou contexto. O que pretendo dizer com isso é que, para evitar estigmatizações ou generalizações apressadas, por sua abrangência de significados, apreensões e materializações, tal conceito precisa ser mais bem delimitado e interpretado para dar conta da relação social à qual está se referindo. Em um artigo sobre o pensamento de Adorno, Ricardo Musse apresenta um alicerce para não simplificarmos uma questão tão sensível ao expor que “o pensamento de Adorno instaura e move-se numa contradição autoconsciente, no dilema de expressar conceitualmente o não-conceitual” (MUSSE, 2009, p. 137). Ou seja, trata-se do movimento de não redução do conteúdo ao conceito utilizado para identificá-lo. Ao me apropriar dessa formulação para o debate aqui posto pretendo argumentar que a violência nas letras de rap, e mais especificamente no álbum *Sobrevivendo no Inferno*,

não pode ser interpretada de forma estigmatizada, muito menos reduzida. Com isso proponho combater duas suposições i) a de que o rap incita atos de violência física; ii) a que interpreta o discurso nas letras de rap como apenas um reflexo do cotidiano violento das periferias.

Slavoj Zizek, em seu livro *Violência*, sustenta a existência de três tipos de violência, a saber: subjetiva, simbólica e sistêmica – as últimas duas enquanto parte de uma violência objetiva, na argumentação de Zizek. Essa categorização permite que abordemos com melhor discernimento os modos de materialização da violência. A violência subjetiva seria justamente aquela mais visível a nós, que se encontra estampada diariamente nos noticiários e que “é experimentada enquanto tal contra o pano de fundo de um grau zero de não violência. É percebida como uma perturbação do estado de coisas ‘normal’ e pacífico” (ZIZEK, 2014, p. 17 – aspas no original). Ou seja, entende-se por “normal e pacífico” uma dinâmica social em que constantemente se legitima a existência da desigualdade social, por exemplo. Não se coloca em questão se é violenta ou não uma relação social que pressupõe, essencialmente, a existência de exploração, opressão e destruição da natureza em prol de um arranjo político-econômico específico<sup>10</sup>. Dessa forma, nosso entendimento do que é a violência se torna reduzido a atos de terror ou de violência, sendo a maior parte dos nossos esforços voltados a combater a violência em sua expressão física e direta ou ideológica (racismo, incitação ao ódio, discriminação sexual) (ZIZEK, 2014, p. 24).

Já a violência objetiva (simbólica e sistêmica) é precisamente aquela em que se pode erigir o estado de normalidade experienciado por nós. Dentro da dinâmica de um capitalismo dependente, como o Brasil, em que a desigualdade e a gestão dos problemas decorrentes dela se dão pela força, o estado de normalidade é intrinsecamente violento: “os mesmos filantropos que dão milhões de dólares para combater a Aids ou promover a educação arruinaram a vida de milhares de pessoas através da especulação financeira” (ZIZEK, 2014, p. 42). Nosso aparato simbólico e sistêmico é violento na medida em que, para construir uma suposta relação social harmônica, colabora na mistificação de todo um mecanismo invisível de violência social.

Esse referencial nos ajuda a pensar, no âmbito do escopo desta monografia, a violência racial que se expressa no cotidiano da população negra enquanto uma

---

<sup>10</sup> É sabido que o modo de produção capitalista se materializa, no âmbito da divisão internacional do trabalho, a partir de diversos padrões de reprodução, fator esse que já foi bem abordado pela Teoria Marxista da Dependência, por exemplo. Mas é fato que processos de exploração, opressão e destruição da natureza estão presentes em todos eles visto sua dinâmica de acumulação infinita.

estrutura que normaliza e naturaliza o racismo. A obra de Silvio Luiz de Almeida nos fornece um referencial fundamental para tratar do racismo enquanto um fenômeno estrutural da nossa formação social. A perspectiva trabalhada por ele nos convoca a situar o racismo para além da ação individual, em direção a uma concepção que aborde as instituições e as relações de poder internas a nosso Estado. Por meio da análise entre a dinâmica do racismo e o aparato institucional é que, para ele, “as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos” (ALMEIDA, 2021, p. 47). Dessa forma, não há espaço para perspectivas, da forma como entendo, de tomarem o racismo, e sua expressão nas políticas e instituições, como uma patologia social. Muito pelo contrário, aqui estamos lidando com a regra, ou seja, o seu funcionamento normal e não uma exceção ou desvio da norma estabelecida.

Mas o tratamento do racismo enquanto um fenômeno estrutural não significa que a ação social individual dos sujeitos seja relegada ao segundo plano ou mesmo desconsiderada. Enfatizar a análise estrutural do racismo não exclui os sujeitos racializados, mas os trata de forma ativa dentro de um sistema que, ao mesmo tempo em que torna possíveis suas ações, é por eles criado e recriado a todo momento (ALMEIDA, 2021, p. 51). Sendo assim, há de se pensar na raça constituída no interior de um processo relacional entre sujeitos e a estrutura que se consolida nas instituições, não de forma abstrata e geral que ignore uma determinada formação social. Retomarei este debate mais à frente.

Em uma série de programas especiais transmitidos na TV Senado em comemoração ao bicentenário da independência do Brasil intitulada *Que Brasil é este?* a filósofa Sueli Carneiro<sup>11</sup> contextualiza e exemplifica bem esse estado – violento – de coisas normal.

Como é que a gente consegue coexistir nessa com esse processo sistemático e permanente de assassinato de jovens negros pela violência institucional, com esses indicadores de que há cada 23 minutos um jovem negro é assassinado? Eu duvido que alguém encontre no auge do apartheid na África do Sul que encontre uma cifra dessa ordem, eu duvido. Não existe país nenhum no mundo que isso possa acontecer com absoluta indiferença. Como é que se pode naturalizar essa matança? Como é que essa sociedade não age, como é

---

<sup>11</sup> Aqui vale uma menção ao trabalho de Carneiro no Geledés – Instituto da Mulher Negra e sua vinculação ao movimento *hip-hop*. Em um episódio do podcast *Mano a Mano* apresentado por Mano Brown, o líder do Racionais MC's comenta a importância do trabalho de Sueli Carneiro no Geledés para o surgimento de diversos grupos de rap de São Paulo por meio do projeto *Rapper*. O escopo do projeto, como diz Carneiro, ia desde auxiliar os jovens em ocorrências de violência policial até contribuir para suas carreiras. Segundo ela, aqueles jovens eram o que havia de mais revolucionário em termos de contestação da ordem racial. (MANO A MANO, 2022).

que essa sociedade não se rebela contra esse absurdo? Como é que se pode dormir sabendo que isso acontece diariamente nesse país? Como é que se pode aceitar que seres humanos sejam tratados dessa maneira? [...] De que barro as pessoas desse país são feitas pra poderem viver com isso? Não existe paralelo no mundo pra isso (CARNEIRO, 2022).

“Não vou falar de paz vendo a vítima morrer” (A marcha fúnebre prossegue – FACÇÃO CENTRAL, 2001): esse verso cantado pelo grupo de rap Facção Central traz o tom da argumentação que pretendo traçar. Entendo o referencial até aqui posto como um caminho de reflexão aprofundado e apropriado para tratar da temática da violência no álbum *Sobrevivendo no Inferno* por indagar sobre a complexidade do meio social que propiciou a construção de versos como “Minha intenção é ruim, esvazia o lugar/ Eu tô em cima, eu tô afim, um, dois pra atirar/ Eu sou bem pior do que você tá vendo/ O preto aqui não tem dó, é 100% veneno” (Capítulo 4, versículo 3). E aqui retomo o aspecto da articulação entre forma e conteúdo que perpassa toda a construção do álbum para combater as duas suposições anteriormente mencionadas. A primeira delas é que o rap incita atos de violência física.

Entendo o recurso estético dos versos não como um processo de incitação à violência, mas sim uma forma de canalização e organização do ódio contra um sistema que “fode tudo ao seu redor/ Pelo rádio, jornal, revista e outdoor” (Capítulo 4, versículo 3). Como construir uma narrativa sobre um cotidiano absolutamente genocida sem se valer do ódio como ferramenta combativa? Na obra dos Racionais MC’s tudo o que foi e segue sendo motivo de estigmatização é incorporado, transformado e devolvido para a sociedade com a crítica e a violência necessárias. É contra essa realidade que “Transforma um preto tipo A num neguinho” (Capítulo 4, versículo 3) que os Racionais MC’s oferecem outro caminho a ser trilhado: “Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma/ Louvado seja o meu Senhor/ Que não deixa o mano aqui desandar/ Permaneço vivo, prossigo a mística/ Vinte e sete ano contrariando a estatística” (Capítulo 4, versículo 3).

Dessa forma não estamos aqui diante do que Zizek categorizou como violência subjetiva ou mesmo uma incitação à mesma, mas sim a construção de um ponto de vista construído para combater a própria violência sistêmica e simbólica. Sistêmica por reproduzir uma normalidade que essencialmente viola direitos básicos de sobrevivência de toda uma população e simbólica ao passo que endossa um imaginário de estigma negativo do jovem negro periférico, a saber: vagabundo, bandido, traficante etc. Nesse sentido, “a linguagem constitui um desses elementos significativos da realidade social.

Não enxergar nas linguagens desses jovens o sentido cultural e político, seria negar suas existências enquanto atores sociais” (ALVES, 2009, p. 189).

Isso nos leva ao contraponto à segunda suposição, que interpreta o discurso nas letras de rap apenas como um reflexo do cotidiano violento das periferias. Entendo que a problemática principal que deriva dessa presunção é a que coloca a reflexão e a ação dos jovens negros em um campo de automaticidade genérica. Dito de outra maneira, retira a complexidade interpretativa e criativa da realidade social e sua posterior articulação em forma de arte contestatória para engessar e reduzir todo esse processo a uma simples resposta automática, como se fosse uma relação estímulo-resposta. Em se tratando do *Sobrevivendo no inferno*, essa suposição se mostra ainda mais errônea se levarmos em conta a construção narrativa do álbum e a profundidade com que são tratados os temas.

As alegorias entre armamento e conhecimento são uma expressão dessa perspectiva: “Eu tenho uma missão e não vou parar/ Meu estilo é pesado e faz tremer o chão/ Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição” (Capítulo 4, versículo 3). Que missão seria essa? A de sobreviver ao inferno custe o que custar? Trazer uma mensagem crítica à sociedade fazendo tremer o chão dessa normalidade aparentemente pacífica e não violenta? O teor ambivalente de Capítulo 4, versículo 3, música em questão, nos permite inferir um pouco dos dois: “Malandro ou otário, padre sanguinário/ Franco-atirador, se for necessário/ Revolucionário, insano ou marginal/ Antigo e moderno, imortal/ Fronteira do céu com o inferno”. Mas a mensagem central que dá o tom da coletividade à qual se faz referência, e que não deixa dúvidas acerca de quem fala, vem logo em seguida “A fúria negra ressuscita outra vez”.

A construção dessa fúria negra é central para compreendermos a importância do ódio organizado que busca uma finalidade de mudança estrutural da sociedade. Retomo esse ponto como mais uma prova de que o recurso à violência nos versos dos Racionais MC’s cumpre uma função para além da simples resposta genérica ao cotidiano da vida na periferia. Sem essa organização e a lucidez da tarefa que precisa ser cumprida, ou seja, sem seguir o proceder da mensagem do pastor marginal nos deparamos com a seguinte imagem:

Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano/ Cê tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto/ Dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto/ O cara cheira mal, as tia sente medo/ Muito louco de sei lá o quê... logo cedo/ **Agora não oferece mais perigo**/ Viciado, doente, fudido, inofensivo (Capítulo 4 versículo 3 - RACIONAIS MC’S, 1997 – grifos meus).

O verso grifado busca justamente argumentar que a fúria mencionada anteriormente está diretamente relacionada à manutenção de uma postura combativa. Muito diferente é a violência de pequenos assaltos cometidos por dependentes químicos que, mesmo causando “medo nas tias”, são inofensivos perante o sistema que contribuiu para que a pessoa estivesse naquele estado. A violência e a fúria aqui são aquelas direcionadas para destruir a estrutura racista da nossa sociedade e tornar evidente que, ao se tornar um viciado em drogas, você apenas se transforma em uma pessoa inofensiva que nada pode fazer contra a opressão sistêmica.

Na música “Rapaz Comum”, por exemplo, encontramos outro aspecto do debate da violência que perpassa o anterior, mas traz novas camadas de complexidade para a reflexão. O título já nos informa quem está narrando, e se lembrarmos da estrutura do álbum recordaremos que essa faixa diz respeito a uma espécie de testemunho dentro do culto evangélico de uma alma que se desviou do proceder. Sendo assim, não há de se pensar em uma situação de excepcionalidade, muito pelo contrário – aqui se fala de um jovem comum da periferia que possui uma trajetória muito semelhante à de vários outros: “Então, a fronteira do céu e o inferno tá na sua mão/ Nove milímetros de ferro/ Cuzão! Otário! Que porra é você?/ Olha no espelho e tenta entender/ A arma é uma isca pra fisgar/ Você não é polícia pra matar” (Rapaz comum – RACIONAIS MC’s, 1997). Essa passagem traz dois polos para o debate da violência: um interno à própria comunidade em que se inserem não só jovens negros, mas toda a população periférica, e outro que diz respeito à violência policial.

Em relação ao primeiro há um completo repúdio à violência física interna à comunidade e um chamado para a reflexão pessoal interna do que levaria um jovem a assassinar seu semelhante. Postura parecida se repete em “Fórmula mágica da paz”: “A gente vive se matando, irmão, por quê?/ Não me olha assim, eu sou igual a você/ Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho/ Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho” (Fórmula mágica da paz – RACIONAIS MC’s, 1997). Ou seja, há novamente um viés não só de reprovação, mas de conscientização do ciclo vicioso de violência física dentro da comunidade e um convite a trilhar outro caminho. Esse caminho é justamente o rap que abre possibilidades para interpretar a realidade em que esses jovens vivem e, mais do que isso, serve como um meio de salvar suas vidas e a de seus familiares e amigos.

Já o segundo polo exposto no verso, o da violência policial<sup>12</sup>, entra como um paralelo entre a atitude do jovem de cometer um assassinato e o trabalho normal e comum da polícia que se expressa justamente pelo genocídio da população negra no Brasil, vide os dados citados anteriormente do *Atlas da violência*. Mas, possivelmente, o exemplo mais marcante utilizado no álbum para trazer à tona a brutalidade perpetrada pela polícia esteja na música “Diário de um detento”: voltarei a ela no decorrer do trabalho para trabalhar outras temáticas por sua riqueza narrativa.

“O Robocop do governo é frio, não sente pena/ Só ódio, e ri como a hiena” (Diário de um detento – RACIONAIS MC’s, 1997): são esses versos que escancaram a atuação da polícia militar que, diante do convívio rotineiro com a juventude negra encarcerada no Complexo Penitenciário do Carandiru, aguardava apenas um motivo para entrar em ação: “Era a brecha que o sistema queria/ Avise o IML, chegou o grande dia/ Cachorros assassinos, gás lacrimogênio/ Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio” (Diário de um detento). Em seu ensaio, Garcia destaca que “*o processo de desumanização, ou seja, a transformação de pessoas em mercadorias aparece como o princípio que concede à violência poderes ilimitados em seu funcionamento no sistema*” (GARCIA, 2007, p. 213 – itálicos no original). A violência policial, então, ganha respaldo institucional para atuar da forma mais brutal possível, tendo em vista que não mais se enxergam seres humanos, mas sim coisas descartáveis. Os versos seguintes sintetizam, de forma categórica e com excelência estética, a consequência desse modo de agir “O ser humano é descartável no Brasil/ Como modess usado ou bombril”.

Dois são os pontos que entendo enquanto centrais nestes versos, o primeiro já mencionado a partir do ensaio de Garcia a respeito da transformação dos seres humanos em mercadorias, coisas, e por isso passíveis de tratamento desumanizado. O segundo, também apontado por Garcia, diz respeito à escolha das próprias mercadorias utilizadas na alegoria: modess e bombril.

Produtos baratos de higiene e de limpeza, consumidos por todas as classes sociais com algum poder de compra. Depois, jogados ao lixo, retendo em si algum tipo de sujeira – sangue, no primeiro caso. O preconceito atribuiu ao segundo a utilidade de ser comparado a cabelo de negro [...] Mercadorias

---

<sup>12</sup> Importante lembrar aqui do pronunciamento, para o portal UOL, do ex-comandante da Rota de São Paulo, Ricardo Augusto Nascimento de Mello Araújo, que disse ser necessário um tipo de abordagem para a periferia e outro para o bairro nobre. Em sua fala, Ricardo Araújo deixa explícito o teor discriminatório e elitista com que age no patrulhamento habitual da polícia. Ver <https://exame.com/brasil/bairro-nobre-tem-abordagem-diferente-da-periferia-diz-comandante/>

reles que, na circulação simbólica, anunciam a eficácia do sistema: Qual ser humano no Brasil é comparável a isso? (GARCIA, 2007, p. 216).

Sendo assim, como mencionado no início deste tópico, o debate sobre a violência não pode estar apartado de seu conteúdo histórico, social e político. Isso porque, dentro do espectro do que pode ser entendido como violência, há diferentes formas de manifestação da mesma, articulações distintas e finalidades das mais diversas. O que os Racionais fazem, no decorrer de seus versos, é abordar, com a devida complexidade, alguns aspectos da materialização da violência sistêmica e simbólica. Por outro lado, utilizam da violência perpetrada pelos estigmas, os quais atingem a população negra periférica, para combater a realidade racista brasileira e conscientizar essa mesma juventude negra marginalizada.

Fanon, em *Os condenados da terra*, nos oferece uma perspectiva que retira “a teorização da violência do campo da moral abstrata para formulá-la no âmbito da crítica ao colonialismo, da estratégia e da práxis de libertação” (QUEIROZ, 2020). Referencio-me na obra de Fanon com o intuito de exemplificar, no meu entendimento, uma das reflexões mais bem elaboradas sobre a violência em determinado contexto e visando um fim último, a saber: a libertação do jugo colonial. Em sua análise Fanon sustenta que em uma situação colonial:

O intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não mitiga a opressão, nem encobre mais o domínio. Expõe e manifesta esses sinais com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado (FANON, 1961, p. 33).

Ou seja, é o uso mais direto e visível da violência como instrumento de dominação de todo um povo ou país. Superar esse estado de coisas e reorganizar as bases sobre a qual se edifica uma nova estrutura social exige do colonizado uma postura de disposição absoluta para utilizar quaisquer meios necessários em prol de sua libertação, pois “desde o seu nascimento, ele sabe que esse mundo estreito, cheio de interdições, apenas pode ser remido pela violência absoluta” (FANON, 1961, p. 32). Neste cenário a violência revolucionária difere da violência colonial/estatal porque ela se propõe a emancipar e não a oprimir ou dominar. O seu próprio fundamento parte de uma necessidade material de sobrevivência e meio de conquista da humanidade plena. Fanon nos ajuda, então, a refletir sobre diversos fundamentos da violência dentro de um contexto limite no qual a essência da violência direta, por parte do colonizado, se apresenta como o único meio possível de libertação e independência.

Em se tratando da obra dos Racionais MC's é inegável a importância do tema da violência por se expressar de diversas formas e em contextos diferentes. Desde um recurso estético para construir uma narrativa o mais fiel possível às dificuldades vivenciadas no cotidiano até a denúncia de um Estado genocida, a violência se faz presente e recebe um tratamento à altura de sua complexidade social. Sem respostas prontas ou fáceis, mas com uma perspectiva que desafia os limites do senso comum. Em sua pesquisa, Cavalcante discorre a respeito do cenário político-social brasileiro pós-1988 por meio do álbum *Sobrevivendo no inferno* e sua importância enquanto produção teórica feita por e para a juventude negra periférica. O eixo da violência é, conseqüentemente, presente em suas reflexões que apresentam esses corpos negros, usualmente rotulados como sendo perigosos, impulsivos e criminosos, em seu potencial comunicativo e coletivo (CAVALCANTE, 2019, p. 45). Dessa forma, a teorização a respeito da realidade material pós-1988 deixou registrado o seguinte:

O lado oculto da democracia brasileira pós-1988, na sua forma mais elementar, contou com a criminalização, extermínio e controle social racializado de um lado, e, de outro, com a emergência de sujeitos dotados de uma consciência racial que, além de terem descrito, debateram e apresentaram vias possíveis de saída para a população negra nos termos do período em questão (CAVALCANTE, 2019, p. 46).

O que Cavalcante nos mostra é que o ressurgimento do Estado democrático não se deu de forma que a comunidade negra periférica pudesse usufruir de melhores condições de cidadania plena. A violência e o agenciamento de mortes seguiram presentes ao invés de educação de qualidade (CAVALCANTE, 2019, p. 49). Todo esse pano de fundo é utilizado pelos Racionais MC's em seus versos para sustentar uma interpretação do real que não caia em moralismos ou discursos simplistas. A violência é categorizada e diferenciada para poder abarcar a dinâmica do real em que ela mesma se insere sendo o *Sobrevivendo no inferno* um retrato fiel e criativo, da perspectiva de jovens negros, dessa dinâmica.

## **2.2 A experiência da juventude negra nas cidades**

*Não adianta querer, tem que ser, tem que pá/ O mundo é diferente da ponte pra cá/ Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar/ O mundo é diferente da ponte pra cá (Da ponte pra cá – Racionais MC's, 2002).*

Antes de adentrar propriamente o debate deste tópico entendo serem necessários alguns apontamentos que envolvem a forma como construirei minha análise. O ponto principal diz respeito à não utilização de teorias que partam do urbanismo ou que se

relacionam de forma mais direta com a temática urbana. O foco aqui continua sendo a abordagem da raça e como ela se insere no contexto urbano. Muito diferente seria a perspectiva que traça paralelos entre as especificidades da formação de cidades brasileiras – sociologia urbana ou mesmo estudos urbanísticos – e a questão racial. Dito de outro modo, o ponto de partida adotado neste trabalho aborda a raça, mais especificamente a juventude negra, nas cidades, ou seja, sua vivência cotidiana dentro da dinâmica urbana<sup>13</sup>.

É fato que o tema do cotidiano urbano pode ser encontrado em todas as faixas do álbum *Sobrevivendo no inferno*, mas optei por privilegiar uma em específico por entender que ela traz à tona, de forma mais direta, o que pretendo trabalhar: “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”. O próprio título já retoma meu apontamento do início deste trabalho que entendo ser uma das justificativas a respeito da escolha do álbum para o desenvolvimento da pesquisa, a saber: a construção das relações políticas, econômicas, sociais e afetivas da e na periferia é perpassada por grandes semelhanças. Retornando rapidamente ao debate sobre o enfoque aqui adotado, se mostra perfeitamente cabível, e até mesmo desejável, levar a cabo pesquisas que tracem as convergências e diferenças das formações das periferias brasileiras levando em consideração a questão racial, ou mesmo o papel de resistência da cultura negra nesses espaços. Segundo Rose “o hip-hop replica e reimagina as experiências da vida urbana e se apropria simbolicamente do espaço urbano por meio de samples<sup>[14]</sup>, atitudes, dança, estilo e efeitos sonoros” (ROSE, 2021, p. 41).

Dois são os aspectos que procurarei sistematizar: a periferia como um espaço cartográfico marcado pela faceta mais cruel da desigualdade social e a potência cultural de resistência e ressignificação da identidade do espaço e dos sujeitos que o habitam. Em um primeiro momento versos como: “Este lugar é um pesadelo periférico/ Fica no pico numérico de população”, “Aqui a visão já não é tão bela” ou mesmo “Muita pobreza, estoura violência/ Nossa raça está morrendo mais cedo” (Periferia é periferia – RACIONAIS MC’s, 1997) podem transmitir a ideia de que a periferia se resume à pobreza e à violência. Tal generalização reforça o estereótipo negativo tanto do espaço

---

<sup>13</sup> A escolha por essa metodologia diz respeito unicamente ao espaço delimitado para o tratamento desta temática. Entendo que o debate transversal entre raça e questão urbana, por mais que seja de grande valia, não seria adequadamente exposto no curto espaço de um tópico. Mas é certo que o *hip-hop* enquanto cultura negra oriunda das periferias poderia suscitar um excelente tema de pesquisa no contexto das teorias sobre o urbano.

<sup>14</sup> Samples são recortes de músicas usados pelos DJ’s para criar uma nova melodia.

quanto de seus habitantes, mas se engana quem pensa que os Racionais MC's não estendem sua crítica para além do senso comum. Como observa D'Andrea:

Para entender o posicionamento do grupo, é necessário voltar o olhar àquela década de 1990. No que se refere à economia nacional, os governantes se empenhavam em acabar com uma inflação galopante por meio de sucessivos planos econômicos. A pobreza e a recessão aumentavam, assim como as desigualdades sociais. No plano social, a violência crescia e os homicídios nas grandes cidades chegavam a índices alarmantes. As chacinas se acumulavam e a periferia contava seus mortos dia a dia. As taxas de desemprego batiam recordes. Em São Paulo, o transporte público era privatizado e intensificavam-se as remoções de favela. A tensão social era patente (D'ANDREA, 2013, p. 134).

Sendo assim, escancarar aspectos da pobreza e das desigualdades sociais não era um simples reforço do discurso habitual, mas sim um dos aspectos fundamentais de crítica ao Estado brasileiro que age coniventemente para perpetuar esse quadro enquanto a elite paulista enriquecia com o fortalecimento do neoliberalismo. Se valer dessas caracterizações, por mais que possa parecer contraditório, era uma forma de trazer para si o discurso corrente e ressignificá-lo na direção de sua superação e construção de novos caminhos: “se contrapondo à visão estigmatizante operada por parte da mídia, superava a ótica da circunscrição dos problemas da periferia, como se tais fenômenos fossem endógenos e particularidades desse território geográfico” (D'ANDREA, 2013, p. 137). Essa perspectiva coloca em evidência um processo mais amplo que desloca para toda a sociedade um problema tido como específico de um único espaço.

Quando levado em conta o processo histórico de ocupação de determinados bairros por pessoas negras, Panta observa que o ideário do branqueamento foi um dos fatores centrais para a segregação de pessoas negras alocando um grande contingente populacional em lugares afastados e precários (PANTA, 2019, p. 90). A falta de investimento em políticas públicas que garantam algum nível de qualidade de vida e ascensão social ao lado de uma atuação quase que exclusivamente armada dentro desses territórios apenas reforçam o racismo urbano e o discurso corrente de associação da periferia ao crime, por exemplo. Marielle Franco, em sua dissertação de mestrado, sustenta qualitativamente e quantitativamente o fracasso das UPPs (Unidade de polícia pacificadora) enquanto política pública de atuação dentro das favelas produzindo, consequentemente, o fortalecimento do Estado penal<sup>15</sup>: “a continuidade de uma lógica

---

<sup>15</sup> Conceito cunhado pelo sociólogo francês Loïc Wacquant (2003) para designar a atuação do Estado na era neoliberal em que, em oposição ao Estado de bem-estar social, o Estado penal passa a gerir a crise do

racista de ocupação dos presídios por negros e pobres, adicionada do elemento de descartar uma parte da população ao direito da cidade, continua marcando a segurança pública com o advento das UPPs” (FRANCO, 2014, p. 126). Dessa forma, o simples fato de residir nesses territórios historicamente marginalizados contribui para a manutenção da segregação da população negra e, conseqüentemente, para o acesso precário no que diz respeito ao direito à cidade.

Mas mesmo sendo rodeado por essa realidade que pinta o jovem negro periférico como um criminoso em potencial os Racionais MC’s dão o alerta: “Aí, moleque, me diz, então: cê quer o quê?/ A vaga tá lá esperando você/ Pega todos seus artigo importado/ Seu currículo no crime e limpa o rabo/ A vida bandida é sem futuro” (Diário de um detento). O teor crítico da mensagem não deixa de compreender a situação em que parte desses jovens se encontra na convivência diária com uma desigualdade social gritante, mas ainda assim faz o aviso das conseqüências. Em outro verso, cantado por Edy Rock, temos a seguinte imagem: “Eu não vou ficar do lado de ninguém porque:/ Quem vende a droga pra quem?/ Vem pra cá de avião ou pelo porto, cais/ Não conheço pobre dono de aeroporto e mais/ Fico triste por saber e ver/ Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você” (Periferia é periferia). Mais uma vez a perspectiva se abre para processos que vão além do espaço geográfico da periferia e que contribuem para a manutenção do estado de coisas dentro dela. É essa potência crítica que, em certo nível, reconfigura a imagem da juventude negra periférica. O exercício de reflexão sobre sua condição deixa de estar unicamente atrelado ao seu espaço de vivência para poder estabelecer uma crítica sistemática da organização social brasileira. Não só se constata o problema, mas deixa nítido que sua causa não está unicamente, muito menos essencialmente, dentro dos territórios marginalizados.

Neste ponto o verso de “Fórmula mágica da paz” também constrói uma linha interpretativa interessante: “Essa porra é um campo minado”: a alegoria do campo minado nos incita a pensar uma dualidade que se encontra presente em todo o álbum de formas distintas, a saber: a relação entre o bem e o mal. Esse campo minado poderia, ao mesmo tempo, significar o contexto de violência como conseqüência do abandono social ou mesmo uma espécie de bomba relógio prestes a explodir com “a fúria negra” dita em outra faixa em alusão ao combate contra essa sociedade que os oprime. Em seguida:

---

capitalismo por meios mais incisivos de disciplinamento social recorrendo ao aparato policial e jurídico. Como conseqüência disso é possível observar uma intensa criminalização da pobreza, por exemplo.

Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui?/ Mas aí, minha área é tudo que eu tenho/ A minha vida é aqui e eu não consigo sair/ É muito fácil fugir, mas eu não vou/ Não vou trair quem eu fui, quem eu sou/ Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim/ O ensinamento da favela foi muito bom pra mim (RACIONAIS MC's, 1997).

Mesmo que se possa identificar certo nível de pessimismo em relação à situação em que ele se encontra – sendo apenas a aposta em uma fórmula mágica da paz capaz de melhorar a situação – é perceptível o apelo afetivo ao espaço e aos ensinamentos aprendidos nele. Esse é um dos aspectos centrais na argumentação de D'Andrea ao debater o pertencimento a um determinado grupo, nesse caso: o sujeito periférico<sup>16</sup>.

Desse modo, *sentir-se periférico* se expressa em uma gama variada de experiências de ordem prática que, mesmo não dando conta de todas as experiências possíveis, contribuíram para a formação de um sentido de pertencimento a uma situação social compartilhada (D'ANDREA, 2013, p. 139).

É esse conjunto de ensinamentos e vivências que permite a construção de um pertencimento que não pode ser traído, é essa mesma lealdade que pode levar esses sujeitos a lutarem por melhores condições de vida e valorizar a potência criadora de suas experiências ressignificadas. Não é sobre romantizar as dificuldades, pelo contrário: “Não se acostume com esse cotidiano violento/ Que essa não é a sua vida/ Essa não é a minha vida, morô?”. É compreendendo os elementos históricos, políticos e sociais que se pode desnaturalizar os horrores perpetrados pelo Estado e construir uma nova realidade “Eu não preciso de muito pra sentir-me capaz/ De encontrar a fórmula mágica da paz”.

Sendo assim, se valer de uma memória negra que caminhe na contramão da suposta inevitabilidade e naturalidade de realidades sociais é ponto primordial. A desmistificação da história criada e imputada para toda uma população é imprescindível na construção de alternativas que conscientizem e deem espaço para o fomento de uma subjetividade ao mesmo tempo destrutiva e construtiva. Destrutiva na medida em que atua, conscientemente, para extinguir uma narrativa envolta de opressão e marginalização do povo negro, e construtiva enquanto possibilitadora de recriação e atuação material na sociedade em busca de emancipação e equidade. Tratarei desse ponto no capítulo seguinte.

---

<sup>16</sup> Em sua pesquisa, D'Andrea deixa nítido que sua construção de sujeito periférico extrapola a barreira racial, tendo em vista que sua argumentação engloba os sujeitos moradores da periferia e não somente os negros. Mas em muito sua análise corrobora para a delimitação aqui dada e entendo o recorte ter sido feito de forma coerente para abarcar meus objetivos.

### 3. Entre a consciência e a memória o ensinamento da favela é claro: malandragem de verdade é viver

Ratatatá, Fleury<sup>17</sup> e sua gangue/ Não nadar numa piscina de sangue/ **Mas quem vai acreditar no meu depoimento?**/ Dia três de outubro, diário de um detento (Diário de um detento – Racionais MC's, 1997 – grifos meus).

#### 3.1 Os Racionais MC's e a memória negra brasileira

Os versos que encerram a música “Diário de um detento” ilustram o argumento que pretendo desenvolver neste capítulo, a saber: desmistificar a realidade passa por resgatar e reescrever a história do povo negro por meio de um constante movimento de questionamento de naturalizações dos processos sociais<sup>18</sup>: “a primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural [...] menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é” (GONZALEZ, 2020c, p. 78). A escolha dos versos acima citados não é leviana, muito menos despreziosa, mas essencial para sustentar o papel ativo dos Racionais MC's enquanto sujeitos no desenvolvimento de uma memória negra crítica.

Para adicionar outras camadas que complexifiquem e nos permitam refletir sobre tais temáticas, com a prudência que elas exigem, retomo um dos meus pressupostos para deixar mais nítido o caminho que estou percorrendo para erigir minha argumentação. No início deste trabalho apresentei um dos motivos pelos quais entendi ser coerente a escolha do álbum *Sobrevivendo no inferno* enquanto um trabalho artístico crítico que, oriundo da cultura *hip-hop* fomentada nas periferias de grandes cidades por jovens majoritariamente negros, articula estética e conteúdo entregando uma reflexão social contundente. O motivo em questão seria a produção e reflexão de um conhecimento a respeito da realidade material cotidiana que não provém das estruturas socialmente legitimadas como a universidade, por exemplo, mas que contribui decisivamente para uma melhor compreensão da realidade social.

O que venho sustentando durante esta pesquisa é que, considerando a forma por meio da qual são tratados, os conteúdos abordados no álbum podem contribuir para a

---

<sup>17</sup> Ex-governador do estado de São Paulo entre os anos 1991–1994, responsável pelo massacre do Carandiru que deixou 111 mortos.

<sup>18</sup> Refiro-me aqui a perspectivas que tratam como fenômenos naturais ou a-históricos processos de construções de dinâmicas sociais. O exemplo da questão racial é muito pertinente se pensarmos as diversas teorias eugenistas e os supostos experimentos científicos que provavam a inferioridade da raça negra frente aos brancos. Hoje, é claro, já temos provas suficientes para sustentar como a dinâmica racial varia geograficamente (vide, por exemplo, a exploração dos irlandeses pelos ingleses e suas justificativas raciais).

formação de sujeitos antirracistas. Entendo ser essa uma questão fecunda para se pensar não só aspectos localizados da dinâmica social brasileira, mas também o Brasil em si e seu processo de formação nacional – envolvendo a economia, a política, a cultura etc<sup>19</sup>. Isso porque é inegável a centralidade da construção social da categoria racial no Brasil. Como já exposto anteriormente, o debate em torno da democracia racial é essencial para se compreender o tipo de tratamento dado à comunidade racializada no Brasil<sup>20</sup>. Nesse sentido defendo a perspectiva de que os Racionais MC's, principalmente o álbum em questão, nos fornecem uma verdadeira teorização da formação nacional brasileira. Entendo ser necessário pontuar essa questão para combater possíveis argumentações que classifiquem o fio condutor da perspectiva dos Racionais MC's enquanto identitário ou identitarista<sup>21</sup>.

É fato que o debate em torno das chamadas “pautas identitárias” tem gerado grande comoção na agenda política mundial, mais fortemente a partir de grupos historicamente minorizados politicamente: negros, mulheres, pessoas lgbtqi+ etc. Mas o que procuro deixar nítido aqui é que, em relação ao debate racial, em alguns casos há certo uso desse termo que busca deslegitimar, ou mesmo enclausurar determinadas pautas como se fossem específicas de parte da população e que não diriam respeito a uma política ampla e geral da sociedade. Dito de outra forma, a pauta racial, e todas as suas reivindicações ou formas de construção de teorizações sobre o social não poderiam ser interpretadas enquanto constitutivas da própria formação geral de determinada sociedade. Dessa forma, argumento aqui, em contraponto a essas interpretações, que a obra dos Racionais MC's não diz respeito unicamente à população negra brasileira, mas sim codifica uma leitura negra da formação nacional do Brasil.

---

<sup>19</sup> Em se tratando de um trabalho de conclusão de graduação é fato que preciso estabelecer certo recorte que não me permite avançar ou expandir alguns debates. Nesse caso em específico reconheço que, e entendo já ter deixado isso nítido em outros momentos da pesquisa, a juventude negra é diversa e não necessariamente apreciadora de grupos de rap ou da cultura *hip-hop*. Mas procurei aqui trabalhar com esse recorte em específico por entender o rap como uma expressão dessa juventude que constrói diretamente, e é constantemente atacada por discursos e práticas discriminatórios, reflexões críticas a respeito das relações raciais brasileiras.

<sup>20</sup> Os estudos que têm sido feitos a respeito da dita branquitude são fundamentais para desmistificar a suposta universalização do branco e a racialização de populações não-brancas. Optei pelo termo “comunidade racializada” para demarcar o processo histórico-social de inferiorização de toda uma população por meio do marcador racial e não por entender a população branca como desprovida de raça e, consequentemente, expoente de uma suposta universalização do ser humano.

<sup>21</sup> O debate teórico-prático a respeito do termo “identitário” ou “políticas identitárias” é extenso e não caberia propriamente nesta pesquisa. Mas deixo como indicação o Manifesto do Coletivo Combahee River disponível em <https://web.archive.org/web/20210929014811/http://circuitous.org/scraps/combahee.html>. E Haider (2019).

Não é raro nos depararmos com construções históricas que tratam obras de intelectuais negros(as) enquanto reduzidas unicamente à pauta racial. Aqui podemos citar, por exemplo, a produção de Clóvis Moura – em muitos espaços tido como um grande teórico sobre racismo – ou mesmo Lélia Gonzalez – lida como uma intelectual negra que teorizou sobre a intersecção entre raça e gênero. Cito tanto Clóvis Moura quanto Lélia Gonzalez para sustentar não só os drásticos equívocos de tais leituras, como também, o papel de deslegitimação que elas perpetuam. Gonzalez e Moura, assim como os Racionais MC's, cada qual em sua forma e campo de atuação, não produziram obras que tratam unicamente de raça ou gênero, mas sim utilizaram tais categorias para traçar um fio condutor de análise da formação do Brasil. Entendo, inclusive, ser algo sintomático dos debates que tratam a questão racial no Brasil como pautas exclusivamente identitárias, tendo em vista nosso passado colonial, o papel da escravização na nossa história e o legado que essa dinâmica construiu no pós-abolição e articulação das relações políticas, sociais, econômicas e culturais no capitalismo dependente.

Contribuições recentes em torno do arcabouço teórico-conceitual de Lélia Gonzalez têm sustentado as especificidades e riquezas elaboradas em sua obra. O artigo “Lélia Gonzalez, uma teórica crítica do social” de Rios e Klein é um exemplo prático. Dentre outros aspectos, enfatizam o modo como Gonzalez mobiliza conceitos da teoria marxista, psicanalítica e da teoria crítica como alicerces para se pensar a formação da América Latina – ou América Ladina, para ficar nos seus termos próprios. Nesse contexto a questão racial passa a compreendida, diferentemente de perspectivas do marxismo ortodoxo, como estrutural e não como da seara da superestrutura. Ou seja, o racismo e seus efeitos são constatados a partir da estratificação social (RIOS; KLEIN, 2022, p. 818). Assim, destacam a especificidade com que Gonzalez articula seu referencial teórico para analisar a formação social brasileira e a indispensabilidade da categoria racial como imanente desse processo. Nesse sentido, como exposto no artigo, a argumentação de Gonzalez leva à constatação do racismo não só como funcional ao capitalista na divisão dos trabalhadores, mas também à interdependência dos mesmos (RIOS; KLEIN, 2022, p. 818).

É em decorrência de tal interpretação que, ao analisar a construção do álbum *Sobrevivendo no inferno*, sustento sua proeminência em articular e popularizar debates<sup>22</sup> a respeito da formação nacional brasileira, indo na contramão de teorias que advogavam o sucesso da nação miscigenada, como o mito da democracia racial. Esse é outro aspecto, dentre os vários trabalhados aqui, que explicam a minha proposição inicial de que os Racionais MC's refletem a respeito da realidade material cotidiana de forma distinta da universidade, mas que contribui decisivamente para uma melhor compreensão da realidade social brasileira. Ao tratar o debate em torno do papel ativo da música popular brasileira na construção da identidade nacional, Acauam Oliveira nos fornece uma síntese precisa dessa dinâmica, destacando, inclusive, que o elemento novo trazido pelos Racionais MC's não foi o protagonismo de vozes periféricas, mas sim um aspecto mais essencial:

Porém, ao contrário de outros gêneros – como o samba, por exemplo –, o sujeito que fala no rap **não pode ser incorporado enquanto símbolo de uma coletividade nacional** [...] A aposta dos Racionais, ao contrário, está na construção de uma identidade formada a partir da ruptura com essa tradição conciliatória, por meio da **afirmação de uma comunidade negra que se desvincula do projeto de nação mestiça concebido até então** (OLIVEIRA, 2018, p. 24-25 – grifos meus).

Ou seja, é a postura combativa – ou, para usar um termo anteriormente citado neste trabalho, destruidora – que confere ao grupo certo destaque do que até então estava sendo feito. O processo de constituição de olhares e interpretações distintas ao que estava dado foi o primeiro passo em direção a possibilidades de reescrita da história do povo negro no Brasil. Segundo Tavares “o povo negro estabeleceu novas linguagens políticas de cidadania voltadas para justiça racial e a igualdade [...] dessa mesma história se originará o hip-hop e suas respectivas manifestações” (TAVARES, 2010, p. 311).

Recentemente foi lançado um documentário a respeito da trajetória dos Racionais MC's e seu impacto não só no mundo da música, mas também nas periferias de todo o Brasil. Intitulado *Racionais: das ruas de São Paulo para o mundo*, filmagens de shows e relatos dos integrantes sobre a realidade das periferias, o contexto social, econômico e político compõe um verdadeiro documento histórico para se entender boa

---

<sup>22</sup> Nesse aspecto me refiro, principalmente, à baixa inserção de estudantes negras(os) no ensino superior o que, conseqüentemente, privava boa parte da juventude negra de entrar em contato com os debates em torno do mito da democracia racial e as teorizações diametralmente opostas que forneciam perspectivas combativas e alternativas ao, até então, consenso construído. Segundo dados do IBGE no estudo “Síntese de Indicadores Sociais” de 2012, apenas 10,2% das(os) estudantes que cursavam o ensino superior no Brasil eram negros. (IBGE, 2012).

parte da dinâmica do Brasil nas décadas de 1980 e 1990. Destaco aqui duas falas, uma de Ice Blue e outra de Mano Brown, que dizem respeito diretamente ao processo de construção do álbum *Sobrevivendo no inferno* e que exemplificam bem o debate aqui traçado. Ice Blue, simples e direto, afirma categoricamente que “o Sobrevivendo no inferno foi minha carta de alforria” (ICE BLUE, 2022), essa frase pode ser interpretada de várias maneiras, mas certamente ganha maior profundidade simbólica e material quando contextualizada ao lado da fala de Mano Brown:

A parte do movimento negro organizado, dos negros que estudaram, sabia das coisas, mas não tinha acesso à juventude que não sabia. Os Racionais tinham acesso a esses jovens. Aí a coisa começou a acontecer [...] juntou duas famílias. o movimento negro politizado e essa molecada nova que estava vindo cantando (MANO BROWN, 2022).

Essas falas apoiam minha proposição de popularização dos debates acerca do tema racial para a juventude negra periférica. Para além da pouca entrada de jovens negros nas universidades, tendo em vista que a lei de cotas, política pública que garantiu maior inserção negra no ensino superior, ainda não havia sido criada, os intelectuais negros e participantes ativos do Movimento Negro tinham pouco acesso aos jovens de periferia (as hipóteses que podem ser levantadas em cima dessa questão são diversas) e esses, por sua vez, não estavam plenamente inseridos no ensino superior. O período de produção do álbum se deu justamente após o contato mais estreito entre os Racionais MC's e o Movimento Negro organizado, isso possibilitou tanto um giro nas letras do grupo, como uma maior inserção e intercâmbio dos debates acerca da negritude<sup>23</sup>. Como bem aponta Mano Brown, os Racionais MC's funcionaram como uma espécie de ponte que conectou esses dois mundos, ao mesmo tempo tão próximos e até então tão distantes. Segundo Rose “o poder de atração do rap é precisamente o seu compromisso musical e narrativo com a juventude negra e a resistência cultural, e nada na sua posição comercial e no seu apelo intercultural contradiz esse fato” (ROSE, 2021, p. 37).

É por meio desse caminho analítico que construo convergências entre as reflexões de Gonzalez, Du Bois e a obra dos Racionais MC's, a primeira com o debate em torno dos conceitos de consciência e memória, e o segundo com a perspectiva da dupla consciência (apresentada na secção seguinte). Gonzalez, em seu texto *Racismo e*

---

<sup>23</sup> É possível observar essa mudança drástica na postura do grupo se compararmos músicas como “Negro Limitado”, anterior ao álbum *Sobrevivendo no inferno*, e suas composições posteriores. Não se encontra mais o traço de suposta superioridade, ou mesmo arrogância, dos integrantes face aos jovens negros de periferia que ingressavam no crime, por motivos diversos. A postura agora era de compreensão, humildade e denúncia (sem moralismo) do Brasil real experienciado no cotidiano.

*sexismo na cultura brasileira*, nos fornece uma síntese precisa dos conceitos que serão aqui articulados:

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por isso que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioula, a gente saca que a consciência faz tudo para nossa história ser esquecida, tirada de cena (GONZALEZ, 2020c, p. 78).

Aqui, porém, há de se fazer um apontamento metodológico do texto em específico de Gonzalez citado que, inclusive, nos fornece bases para sustentar uma crítica coerente ao álbum *Sobrevivendo no inferno*. Refiro-me ao caminho percorrido por Gonzalez para combater o mito da democracia racial recorrendo às figuras da mulata, doméstica e mãe preta. Ou seja, no texto em questão, Gonzalez articula essas três figuras para sustentar a materialização do mito da democracia racial no nosso país e o faz tendo o carnaval como pano de fundo. Isso porque é no momento carnavalesco que esse mito é atualizado simbolicamente. A mulher negra se torna unicamente a rainha desejada por estrangeiros brancos, mas como o mito oculta dinâmicas para além daquilo que mostra, a violência simbólica exercida sobre a mulher negra fica nítida, tendo em vista que o outro lado do endeusamento no carnaval se materializa no cotidiano dessa mesma mulher como empregada doméstica (GONZALEZ, 2020c, p. 80).

Ao longo do texto Gonzalez fornece outros exemplos, principalmente relacionados à língua brasileira e aos supostos “erros” morfológicos por parte da comunidade negra, para apresentar uma lógica histórico-cultural de formação do povo brasileiro a partir de uma matriz africana – daí a figura da mãe preta como fonte de perpetuação dessa memória viva, construída e reconstruída diariamente. Entendo ser crucial deixar nítido tal percurso feito por Gonzalez para evidenciar a centralidade da questão de gênero, e mais especificamente da mulher negra, na constituição de uma memória histórica resistente e combativa que ergueu, e segue erguendo, boa parte das referências culturais do ser brasileiro.

Nesse sentido, há de se apontar o completo apagamento desse aspecto na obra dos Racionais MC's e, inclusive, uma postura machista e sexista em suas letras. Em “Fórmula mágica da paz”, por exemplo, temos: “Você sabe muito bem o que ela quer/ Encontre uma de caráter se você puder/ É embaçado ou não é?/”. É fato que essa não é uma novidade nas letras de rap, em boa parte das letras de artistas homens é possível encontrarmos as mulheres em papéis objetificados ou inferiorizados. Essa, certamente precisa ser uma atitude rechaçada e combatida veementemente. Em se tratando da temática de (re)construção da história negra, derrubando mitos e agindo ativamente na contramão de estereótipos e generalizações pejorativas, as mulheres negras vêm desenvolvendo um papel central na linha de frente dessa batalha. O não reconhecimento desse fato é não só sintomático, mas também pode contribuir para imaginários que relegam as mulheres negras a espaços cada vez mais sexistas.

Ao mesmo tempo, essa crítica precisa ser feita com o cuidado necessário para não cair em simplificações que acabem contribuindo para outros problemas endêmicos da nossa sociedade. Isso vale, por exemplo, para o peso que, em muitos momentos, se coloca nas críticas ao rap, ou à cultura hip-hop, quanto a assuntos variados, ao mesmo tempo em que se ignora esse aspecto em outras expressões artísticas. Nesse caso em específico cito a contribuição de Tricia Rose sobre o assunto ao analisar vídeo clips de rap. A autora reconhece a problemática do sexismo nas letras e nos vídeos, mas critica posturas que enxergam no rap manifestações substancialmente sexistas (ROSE, 2021, p. 32).

O tom de algumas respostas ao sexismo no rap sugere que os rappers contagiaram uma sociedade onde o sexismo não existia. Essas reações ao sexismo no rap negam a existência de uma vasta gama de práticas sociais sexistas aceitas, que compõem o modelo do adolescente masculino e que resultam em normas sociais aos comportamentos de adultos igualmente sexistas, embora geralmente sejam expressas com menos palavras. Poucas análises populares do sexismo no rap parecem dispostas a confrontar o fato de que o abuso e o controle sexual e institucional sobre as mulheres são um componente fundamental do desenvolvimento de uma identidade heterossexual masculina (ROSE, 2021, p. 32).

O álbum *Sobrevivendo no inferno* não foge a essa regra. É fato que o sexismo está presente, mas adotar uma perspectiva que enxerga no álbum a causa do machismo e sexismo na juventude é não somente errônea, mas, em última instância, preconceituosa e seletiva. E não podemos deixar de mencionar a revisão de algumas músicas por parte dos Racionais MC's em uma direção mais progressista. Em entrevistas, Mano Brown e Edi Rock já se posicionaram dizendo que algumas músicas não são mais cantadas pelo grupo por seu conteúdo machista (BALLOUSSIER, 2017; GSHOW, 2019).

Feitas essas observações retorno ao debate em torno dos conceitos de consciência e memória propostos por Gonzalez. Como visto, a autora se vale de três representações da mulher negra no Brasil – a mulata, a doméstica e a mãe preta – para exemplificar o movimento dialético entre consciência e memória formulando uma crítica ao mito da democracia racial. De forma análoga, apreendo a música “Diário de um detento” como a formulação de uma memória coletiva que também age desmistificando mitos enquanto denuncia veementemente um Brasil racista e genocida.

O título da música já nos fornece um caminho tanto simbólico como material para interpretar a música. Um diário nada mais é do que um relato, majoritariamente em primeira pessoa, que narra o cotidiano, os pensamentos e os sentimentos de determinada pessoa. Em última instância, pode-se ler um diário tomando-o por um apanhado de memórias escritas. No caso da música essa estrutura se faz presente na sua própria construção, ela foi feita a partir dos versos escritos por Jocenir Prado e adaptados por Mano Brown para seu resultado final hoje amplamente conhecida. Um fato importante a se destacar é que Jocenir escrevia versos que rodavam por vários pavilhões da casa de detenção do Carandiru, nos quais boa parte dos detentos tinha acesso a seus escritos. Pode-se inferir disso que certa anuência havia por parte de toda a comunidade de presos a respeito do que Jocenir escrevia. Esse fato não é secundário para a história de construção dessa canção na medida em que revela uma espécie de partilha, comunhão ou mesmo pertencimento que se materializou nos versos.

O cotidiano apresentado nos versos diz respeito a toda uma comunidade e não somente ao narrador. Dessa forma, defendo ser imprescindível interpretar esses versos adentrando sua construção enquanto memória negra coletiva. Assim como dito anteriormente neste trabalho, o teor das rimas e a linguagem utilizada se articulam simultaneamente formulando imagens do cotidiano, nesse caso dentro do presídio, que a todo momento misturam relato pessoal a certa coletividade. Assim como a proposta de ensaio formulada por Adorno, na qual uma de suas partes constitutivas diz respeito à experiência particular mediada pela experiência histórica da humanidade (ADORNO, 2003), o testemunho em primeira pessoa em “Diário de um detento” fornece uma ponte que liga o narrador a toda a população carcerária, simbolicamente e materialmente. O particular aqui pode tanto ser entendido como o preso em si ou sua vivência no presídio, já o acúmulo histórico que media essa vivência pode ser transfigurado na coletividade de presos – uma síntese de suas experiências – ao mesmo tempo em que pode ser

entendido a partir de uma visão mais geral da história da população negra no Brasil.

Segundo Garcia:

No que aqui interessa “Diário de um Detento” pareceu a muitos original justamente por não fantasiar e por radicalizar o diálogo da canção com os fatos (cotidianos?), afirmando um ponto de vista que a grande mídia não *repercute*, no jargão do meio, e o Estado historicamente considera ou perigoso ou desprezível; na dúvida, algo digno de ser silenciado (GARCIA, 2007, p. 186 – aspas e itálico no original).

A canção inicia com Mano Brown ditando o dia e a hora em que se desenrola o relato, nesse caso um dia antes do massacre que deixou 111 detentos mortos seguindo dos versos “Aqui estou mais um dia/ Sob o olhar sanguinário do vigia/ Você não sabe como é caminhar/ Com a cabeça na mira de uma HK/ Metralhadora alemã ou de Israel/ Estraçalha ladrão que nem papel” (*Diário de um detento* - Racionais MC’s, 1997). São versos como esses que nos apresentam a imagem crua do cotidiano dos detentos. O local de onde são narrados os acontecimentos é hostil e mira todos os “ladrões” com o intuito de assassinar materialmente e, levando em conta o contexto musical, podemos dizer, também, simbolicamente. As ideias e reflexões ali construídas precisam ser silenciadas por sua ameaça ao *status quo*.

O recurso estético de aproximação do ouvinte aos acontecimentos cantados apresenta, com linguagem própria, um panorama da vida como detento desde a intimidade nos momentos de fragilidade: “Será que Deus ouviu minha oração?! Será que o juiz aceitou a apelação?”, passando pelos dias monótonos: “Tirei um dia a menos, ou um dia a mais, sei lá/ Tanto faz, os dias são iguais”, o proceder de uma conduta moral e ética específica: “Minha palavra de homem me protege/ Pra viver no país das calças bege” ou mesmo de suicídio – ou assassinato – em decorrência do cotidiano insuportável: “Só o cheiro de morte e Pinho Sol/ Um preso se enforcou com o lençol/ Qual que foi? Quem sabe não conta/ Ia tirar mais um seis de ponto a ponta” (*Diário de um detento* - Racionais MC’s, 1997).

Essa aproximação praticamente impede que se permaneça neutro diante dos relatos além de, em um verso específico, verbalizar o impacto da neutralidade de uma das autoridades estatais (o então governador Fleury) no desfecho sanguinário do massacre: “Depende do sim ou não de um só homem/ Que prefere ser neutro pelo telefone”. Mas o que esperar de um Estado que reduz a vida de milhares de detentos a uma simples conta matemática? “Nove pavilhões, sete mil homens/ Que custam

trezentos reais por mês cada”. Como sugere Garcia: “Desse modo, a obra espera que o ouvinte se conscientize do sistema e se posicione” (GARCIA, 2007, p. 195).

### 3.2 Encarceramento em massa e racismo estrutural

Argumentei acima o teor coletivo de reconstrução de uma memória negra na música “Diário de um detento”. Entendo que essa afirmação vale para todo o álbum, tendo em vista os aspectos já mencionados entre forma e conteúdo. Aqui, especificamente, tratarei a construção dessa memória usando como elemento central o encarceramento em massa da população negra enquanto forma de expressão de algo mais sistêmico: o racismo estrutural.

A escolha do enfoque não é arbitrária, “Diário de um detento” se localiza exatamente no meio do álbum *Sobrevivendo no inferno* e, possivelmente, protagoniza o álbum pela centralidade do tema abordado. O Brasil hoje possui uma população carcerária de 650 mil presos, sendo quase 68% de negros (pretos e pardos) e 31% de brancos, segundo dados do Sistema de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (SISDEPEN), se adicionarmos os presos domiciliares esse número sobe para quase 840 mil. Com isso temos a terceira maior população carcerária do mundo atrás apenas dos EUA e da China – o primeiro com pouco mais de 2 milhões de presos e a segunda com pouco mais de 1 milhão e meio. Nossa taxa de aprisionamento vem crescendo desde os anos 1990 com uma cifra de 61 por 100 mil habitantes, com leve queda a partir de 2019 chegando em 310 presos por 100 mil habitantes em 2022. O aumento dessa taxa é relativamente alto levando em conta o período de 30 anos.

Em determinado verso da música Mano Brown informa: “Cadeia guarda o que o sistema não quis/ Esconde o que a novela não diz” (*Diário de um detento* - Racionais MC’s, 1997), e nos provoca a pensar o próprio funcionamento normal dos presídios e do sistema judicial brasileiro como um todo. Em um artigo sobre o encarceramento em massa e as estratégias de resistência a essa realidade Telles *et al* diz:

As agências do sistema de justiça criminal cumprem papel fundamental na manutenção dessa maquinaria de morte e encarceramento. Juízes e promotores referendam o uso exacerbado da força letal; também consentem no uso abusivo da prisão [...] trata-se, portanto, de um vasto dispositivo que articula prisões e agências do sistema de justiça, além da polícia e demais forças da ordem. A ação policial que aprisiona, a justiça que gere a privação de liberdade e a prisão que confina os corpos: eis as peças de uma engrenagem punitiva cujos efeitos transbordam o perímetro das prisões e das vidas engaioladas (TELLES *et al.*, 2020, p. 3).

O que procuro salientar é a forma como, em “Diário de um detento”, os Racionais MC’s apresentam um panorama da realidade carcerária brasileira e, tendo por base a leitura dos dados acima mencionados, podemos constatar uma diferença brutal da porcentagem de negros e brancos encarcerados. Esse é, infelizmente, mais um aspecto social que respalda a não realidade de uma suposta democracia racial. Cavalcante nos lembra que, apesar dos esforços do Movimento Negro nas formulações da Assembleia Nacional Constituinte de 1988, importantes para garantir maior inserção da população negra no Estado e criminalização do racismo, a década ficou marcada pelo aumento do encarceramento da juventude negra e de homicídios com maiores alvos na população negra (CAVALCANTE, 2019, p. 29). Para além do tratamento abusivo dentro dos presídios, “a prisão é um espaço de consolidação de corpos matáveis” (CAVALCANTE, 2019, p. 55), se forma, inclusive no imaginário popular, a figura do bandido que não merece ser humanizado e/ou respeitado, compreendido e, em algum momento, ressocializado. Reflexão essa que fica bem construída na imagem narrada por Mano Brown:

Ratatata, mais um metrô vai passar/ Com gente de bem, apressada, católica/  
Lendo jornal, satisfeita, hipócrita/ Com raiva por dentro, a caminho do  
centro/ Olhando pra cá, curiosos, é lógico/ Não, não é não, não é o zoológico/  
Minha vida não tem tanto valor/ Quanto seu celular, seu computador (Diário  
de um detento – Racionais MC’s, 1997).

Temos aqui uma cisão entre o sujeito de bem que acorda cedo e se desloca por um longo trajeto até seu trabalho se esforçando para cumprir seus deveres de cidadão enquanto olham do outro lado do muro pessoas que podem ser comparadas a bichos. Há nesses versos uma clara relação de hierarquia que não busca, em nenhum momento, compreender a história daqueles que se encontram privados de liberdade. Em seu discurso na Constituinte, Gonzalez afirmou: “um povo que desconhece a sua própria história, a sua própria formação, é incapaz de construir o futuro para si mesmo” (GONZALEZ, 2020d, p. 255). Como dito anteriormente, as histórias individuais dos presos cantadas nesses versos estão intimamente ligadas e formam em si uma coletividade e essa coletividade é perpassada pela formação histórica brasileira: “Cada sentença, um motivo, uma história/ De lágrima, sangue, vidas e glórias/ Abandono, miséria, ódio, sofrimento/ Desprezo, desilusão, ação do tempo/ Misture bem essa química/ Pronto: eis um novo detento” (*Diário de um detento* - Racionais MC’s, 1997).

Acreditar nesse depoimento – pergunta que Mano Brown faz no término da música – implica não somente repensar situações isoladas, mas todo um histórico que

relega aos jovens negros condições de vida inaceitáveis que bloqueiam oportunidades de mudança. Reflexões como essas encontram respaldo, também, no trabalho de Cavalcante que defende a importância da obra dos Racionais MC's enquanto elaboração negra dos acontecimentos pós-1988 no que diz respeito às transformações do país e o alto controle racial da vida e da cidadania negra (CAVALCANTE, 2019, p. 29). Um aspecto importante de se destacar na pesquisa dela é a forma como articula a voz negra, por meio da obra dos Racionais MC's, para trazer à tona o outro lado da modernidade, na perspectiva sociológica, em constante contraponto às teorias de modernização no sentido de melhorias ou supostos avanços civilizacionais. Dessa forma, os Racionais MC's protagonizam sua pesquisa na medida em que contribuem ativamente para teorizar e recontar a história do Brasil. Isso porque conseguem formular, em seus versos, a contradição presente entre a coexistência de políticas que procuraram concretizar o acesso aos direitos e à cidadania enquanto, de outro lado, se forjava um Estado genocida com altos índices de morte e encarceramento da população negra (CAVALCANTE, 2019, p. 33).

Outra música, intitulada “Tô ouvindo alguém me chamar”, conta a história de um bandido, Guina, respeitado em sua comunidade, mas que acabou tendo um fim trágico. Em determinado momento da música temos os seguintes versos: “Ele tinha um certo dom pra comandar/ Tipo linha de frente em qualquer lugar/ Tipo condição de ocupar um cargo bom e tal/ Talvez em uma multinacional”, ou seja, é constatado certo talento no jovem, mas por não possuir as oportunidades necessárias se perdeu no caminho do crime. “É foda/ Pensando bem, que desperdício/ Aqui na área acontece muito disso/ Inteligência e personalidade/ Mofando atrás da porra de uma grade” (*Tô ouvindo alguém me chamar* – Racionais MC's, 1997). A história do Guina se conecta diretamente aos relatos de “Diário de um detento”, sua vida foi marcada por muita dor.

Lembro que um dia o Guina me falou/ Que não sabia bem o que era amor/  
Falava quando era criança/ Uma mistura de ódio, frustração e dor/ De como  
era humilhante ir pra escola/ Usando a roupa dada de esmola/ E ter um pai  
inútil, digno de dó/ Mais um bêbado, filha da puta e só/ Sempre a mesma  
merda, todo dia igual/ Sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal (*Tô ouvindo  
alguém me chamar* – Racionais MC's, 1997).

A química que formou o detento é a mesma exemplificada na história do Guina e são essas terríveis semelhanças que nos levam a refletir sobre o fio lógico-histórico que conecta todas essas vidas. Dessa forma podemos observar como o rap veicula, por meio da música, certa consciência política. É a prática cultural que traz à tona diversos temas, que estão intimamente relacionados à questão racial, criando senso de pertencimento

coletivo e uma postura combativa face às injustiças materializadas na periferia urbana (TAVARES, 2010, p. 312).

Depreende-se, assim, que o mito da democracia racial invisibiliza o componente racial na nossa formação social que possibilita histórias como a de Guina ou dos presos em “Diário de um detento”. Viver dentro dessa espécie de véu que, nas palavras de Du Bois “não lhe deixa tomar uma verdadeira consciência de si mesmo e que lhe permite ver a si mesmo apenas através da revelação do outro mundo” (DU BOIS, 2021, p. 23), acaba por distorcer e naturalizar as desigualdades sociais que levam parte da juventude negra às casas de detenção. O que entendo ser decisivo no argumento de Du Bois para a especificidade das relações raciais brasileiras é a forma como o racismo atua, violentamente, negando a realidade ao mesmo tempo em que reforça as estruturas discriminatórias. Ou seja, a população negra se vê diante de um Estado que nega a todo momento sua possibilidade de existência, mas perpetua certa imagem de diversidade e harmonia, um povo feliz e que celebra a imensidão de seu território junto de suas mais diferentes culturas e tradições.

Na abertura de *As almas do povo negro*, Du Bois afirma que “o problema do século XX é o problema da linha de cor” e por mais que essa, possivelmente, tenha sido uma referência direta ao racismo explícito dos EUA, é, igualmente, cabível interpretá-la em sentido macro a respeito de qualquer configuração nacional onde a desigualdade entre raças esteja presente. Isso é relevante não só para justificar a escolha deste autor na composição deste trabalho como para reconhecê-lo enquanto central nos estudos das formações nacionais que tiveram a escravidão como base econômica, política e social. Isso porque Du Bois vai analisar como, mesmo após a abolição, a comunidade negra não desfrutou plenamente de cidadania graças à reorganização social que encontrou métodos para perpetuar a subalternidade negra. Daí a dificuldade em unir o que ele denominou *dupla consciência* tendo em vista que o fator racial cinde, objetivamente e subjetivamente, o ser negro e ser cidadão, nesse caso, brasileiro. A contradição, e que deixa nítido o funcionamento normalizado do racismo, reside justamente no fato de a cidadania brasileira não ser garantia de igualdade e isonomia entre pessoas brancas e negras, haja vista os dados sobre acesso à educação, renda e mercado de trabalho – além dos fatores que envolvem a criminalização da pobreza e, conseqüentemente, encarceramento em massa da população negra.

No Brasil os fundamentos dessa dinâmica não foram diferentes, apesar de aspectos de sua atuação terem sido distintos em relação aos EUA, onde a suposta

democracia racial age nos termos do *véu* conceituado por Du Bois. Dessa forma, a sofisticação do aparato racista ganha novos contornos se levarmos em conta a própria dificuldade de muitas pessoas em se identificarem como negras ou mesmo afirmar que o racismo não existe. O impasse em reconhecer sua identidade é o primeiro, e um dos maiores, obstáculos na luta pela modificação das estruturas e combate à naturalização de relações perpassadas pelo racismo.

Essa naturalização é possível, dentre outros fatores, pela forma de organização estrutural e estruturante que nossa sociedade possui e a centralidade do racismo nesse processo. Essa perspectiva não é banal e implica certa compreensão do modo de atuação da racionalização racista e suas consequências. Digo “racionalização” entendendo que, ao contrário de enfoques que sustentam o racismo como uma ideologia, ou seja, um conjunto de ideias e valores morais que distorcem ou falseiam a realidade e a perspectiva científica, a racionalização racista atua ordenando as relações raciais em nível consciente e inconsciente. Portanto, a partir dessa argumentação, não é o racismo que se apresenta como ideologia, mas sim o mito da democracia racial, ele sim é o responsável por velar e construir certa história metamorfoseada de igualdade – social, econômica, cultural e política – e convivência pacífica entre pessoas negras e brancas. Não há aqui uma relação relativamente simples na qual basta provar cientificamente que o racismo é irracional e não se sustenta em nenhum de seus pressupostos biológicos, sociais ou morais porque isso já é de conhecimento geral. A questão posta é que, no âmbito do funcionamento normal das nossas instituições e do meio no qual nosso imaginário é formado, o racismo opera produzindo e reproduzindo sua continuidade.

Ou seja, a vida cultural e política no interior da qual os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos autoconscientes e onde formam os seus afetos é constituída por padrões de clivagem racial inseridos no imaginário e em práticas sociais cotidianas. Desse modo, a vida “normal”, os afetos e as “verdades” são, inexoravelmente, perpassadas pelo racismo, que não depende de uma ação consciente para existir (ALMEIDA, 2021, p. 64 – aspas no original).

Dessa forma, percebe-se o modo como a estrutura social é perpassada ela mesma pelo racismo e, conseqüentemente, os indivíduos que nela tecem suas relações. Ou seja, a continuidade, no espaço-tempo, da estrutura social brasileira é ela mesma intrinsecamente relacionada a práticas sociais racistas que, com a especificidade de terem se construído no Brasil como supostamente velado, permeiam o funcionamento normal das instituições e das interações sociais cotidianas.

Já foi discutido anteriormente neste trabalho o papel de intelectuais brasileiros para a disseminação da ideia de democracia racial no Brasil – mais diretamente a obra de Gilberto Freyre e Arthur Ramos. Esse é um aspecto fundamental para se pensar o debate em torno do *status* de autoridade que permeia o meio acadêmico, sendo ele espaço de produção científica. Com isso não pretendo invalidar, ou mesmo questionar, a importância da universidade na produção de conhecimento. Antes, meu intuito é atestar que há reflexões críticas, e bem estruturadas, fora dos muros da universidade e que são produzidas pela juventude negra de diversas formas, inclusive por meio de álbuns de rap.

A ciência tem o poder de produzir um discurso de autoridade, que poucas pessoas têm a condição de contestar, salvo aquelas inseridas nas instituições em que a ciência é produzida. Isso menos por uma questão de capacidade, e mais por uma questão de autoridade. É de natureza da ciência produzir um discurso autorizado sobre a verdade (ALMEIDA, 2021, p. 70).

Almeida se refere ao poder de construção das teorias racistas enquanto ciência e sua força de legitimação da inferioridade dos povos negros. Aqui irei me valer dessa mesma argumentação para sustentar a forma como os Racionais MC's, mesmo estando fora da universidade durante tanto tempo e provenientes de locais altamente segregados e vulnerabilizados, obtiveram êxito em contestar o discurso da democracia racial que, em grande parte, foi propiciado por intelectuais brasileiros. Esse é um aspecto fundamental para se refletir a respeito do protagonismo dos Racionais MC's na produção de conhecimento a respeito da realidade social brasileira e que, inclusive, colocou em pauta, nas periferias, temas muito caros à juventude negra periférica. Esse conhecimento é, em parte, influenciado pelas condições de opressão que historicamente se estruturaram, mas também é esse motivo que possibilita caminhos distintos para a obtenção de transformações sociais e o sentido das estruturas hierárquicas de raça (TAVARES, 2010, p. 312).

*Sobrevivendo no inferno* permite experienciar uma obra carregada de conteúdo teórico-crítico que fornece, com o brilhantismo estético, meios de reflexão a respeito da nossa formação enquanto nação, seu teor altamente racista e, conseqüentemente, ferramentas de compreensão dessa estrutura que propiciam movimentos de transformação social. Nas palavras de Acauam Oliveira “*Sobrevivendo no inferno* é a imagem mais bem-acabada de uma sociedade genocida que se tornou humanamente inviável, e uma tentativa radical, esteticamente brilhante, de sobreviver a ela” (OLIVEIRA, 2018, p. 36).



## Considerações finais

*Uma vida sem vacilo, é o que eu preciso, eu priorizo!// Disseram que eu não posso, mas mesmo assim eu realizo! (Mesmo assim – Lyndon, 2022)*

Ao iniciar a escrita deste trabalho a inquietação que me moveu a formular as primeiras hipóteses e ideias de caminhos a se traçar girava em torno do seguinte questionamento: podemos dizer que o *Sobrevivendo no inferno* contribui para proporcionar referências antirracistas às e aos jovens negros que os escutam? Se sim, de que forma e por meio de quais recursos? A partir disso comecei a formular melhor o enfoque, a perspectiva e os métodos para analisar o álbum. Em um primeiro momento esperava que a proximidade com o álbum fosse facilitar esse processo, mas após o processo de escrita, posso afirmar: as perspectivas de ouvinte e de pesquisador resguardam suas particularidades. Enquanto ouvinte possuía a certeza de a temática racial permear cada verso do álbum, mas trabalhar esse foco, sendo que o mesmo se fazia explicitamente presente poucas vezes, foi uma tarefa desafiadora. Após o modo pelo qual sistematizei a apresentação desta pesquisa entendo ter sustentado argumentos coerentes que destacam a relevância político-cultural do *Sobrevivendo no inferno*.

Os métodos criativos, artisticamente impecáveis e criticamente incisivos, que partem da juventude negra oriunda das quebradas do Brasil, são mais uma prova de que os saberes construídos às margens detêm potencial teórico-prático de mudança. O *Sobrevivendo no inferno* nos apresenta uma perspectiva – nunca é demais lembrar o primor estético com que o faz – do Brasil que consegue se conectar diretamente com o público a quem se dirige. Temas abordados incessantemente por historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos, cientistas políticos etc. aparecem aqui destrinchados em um álbum de rap, com linguagem e imaginários próprios de seu cotidiano, para construir reflexões direcionadas para seus iguais. É nesse sentido que afirmo ser a perspectiva do álbum detentora de aspectos que fogem às delimitações de trabalhos acadêmicos. Com isso trago à superfície a relevância de tais contribuições para reflexões a respeito da nossa realidade social.

Desse modo, não pretendo estabelecer algum nível de comparação que reproduza valores hierarquizados, mas apontar as possibilidades de teorizações sobre o Brasil, mais especificamente a questão racial, que não se reduzem aos moldes propostos pela academia. Isso porque, como sustentei durante todo o trabalho, o rap e a obra dos Racionais MC's funcionam como um arcabouço político-cultural capaz de proporcionar

questionamentos e revisões da realidade posta. E, possivelmente, um dos méritos do grupo está em justamente formular essa obra tão rica por meio de códigos intrínsecos à realidade da juventude que os ouvia. Como mencionado anteriormente, foi, também, graças ao contato com o Movimento Negro que as pontes entre os jovens negros e os debates raciais puderam se concretizar. E os Racionais MC's foram fundamentais nesse processo. O vínculo estabelecido entre o grupo e milhares de jovens espalhados pelas periferias do Brasil, fruto de identificação mútua dada as condições de (sobre)vivência no cotidiano, permitiu que a mensagem passada por meio dos versos fosse escutada e interpretada com muita seriedade. Nada mais justo em se tratando de um verdadeiro manual de sobrevivência diante do Estado genocida.

A escolha de tratar primeiramente o tema da violência se provou frutífera por abrir possibilidades de reflexão a partir do modo de atuação dos Racionais MC's. Quero dizer com isso que o grupo, a partir de uma incorporação e transfiguração de estigmas, canaliza um ódio organizado que visa conscientizar e, possivelmente, transformar as estruturas sociais. As expressões da violência estatal, comprovadas pela atuação das polícias militares nas periferias, o constante genocídio da população negra e o encarceramento em massa são, aqui, postos a luz de forma que não deixa dúvidas do seu caráter racista. O fato de essas formulações partirem de versos supostamente violentos é, antes, um recurso estético do que incitação à violência ou simples resposta automática ao cotidiano. Como argumentei, a obra carrega um alto teor de complexidade interpretativa da realidade social articulando elementos que lhe conferem o teor de arte contestatória. Reduzir esse processo ao simples estímulo-resposta (cotidiano violento = resposta violenta) é apagar toda essa bagagem artística e teórica.

O enfoque na questão urbana, como salientei, não procurava analisar a formação das cidades a partir de uma leitura racial, mas sim observar o modo como a raça é um fator determinante na vivência dos jovens no meio urbano. Mais uma vez os Racionais MC's são fonte primordial de crítica às condições de marginalização e abandono social. Com primor expõem tal crítica salientando o caráter externo dos motivos pelos quais há tantas problemáticas sociais concentradas nas periferias. Ou seja, sustentam o modo como a segregação social é fator determinante na criação dos mais diversos problemas urbanos, desde a falta de acesso pleno a serviços públicos até o aumento da criminalidade. Nesse percurso deixam nítido que a atuação do Estado só chega por meio da repressão e da violência, perpassadas pela linha racial. Ao mesmo tempo em que são denunciados os problemas são também exaltados os valores

comunitários e os ensinamentos aprendidos na comunidade. Esse senso de pertencimento é fundamental quando observamos seu papel ressignificador e potencializador de práticas modificadoras. É ele que, na maioria dos casos, move os sujeitos a pensarem possibilidades para além das mazelas do cotidiano em direção a futuros outros.

Por fim, o debate em torno dos conceitos de *consciência* e *memória* propostos por Lélia Gonzalez apontou os métodos dos quais se valem os Racionais MC's para retomar certa perspectiva da nossa formação enquanto nação. A desmistificação do mito da democracia racial é fundamental quando se fala em possibilitar a formação de subjetividades antirracistas, isso porque, como foi apresentado, tal mito é central para se pensar a falácia do Brasil enquanto um país em que as raças convivem pacificamente. Reconstruir a memória é passo primordial para entendermos de onde viemos e como chegamos onde estamos a fim de, enfim, construir um futuro mais equitativo.

Utilizei o tema do encarceramento em massa por entendê-lo como um aspecto que permite construir convergências entre o modo como os Racionais MC's trabalham a construção de uma memória coletiva por meio da faixa *Diário de um detento*, bem como a denúncia do sistema penitenciário enquanto instituição representativa da atuação historicamente racista do Estado brasileiro. Dessa forma, procurei sustentar como, não só o encarceramento em massa, mas todos os temas trabalhados anteriormente são expressões do racismo estrutural. O que os Racionais MC's fazem é deixar nítidos os mecanismos pelos quais as instituições brasileiras atuam, ativamente, de forma racista ao mesmo tempo em que criam uma narrativa de democracia racial. Ouvir o *Sobrevivendo no inferno* é ouvir uma teorização crítica do Brasil pelas lentes da juventude negra periférica. A fúria negra não apenas ressuscitou outra vez como segue possibilitando que seus iguais canalizem esse ódio da forma e no sentido corretos.

## Referências

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: Adorno, Th. W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: 34, pp. 15-45, 2003.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Prefácio. In: DU BOIS, W.E.B. **As almas do povo negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

ALVES, Adjair. **O Rap é uma guerra e eu sou gladiador**: um estudo etnográfico sobre as práticas sociais dos jovens hoppers e suas representações sobre a violência e a criminalidade. 2009. 246 f. Tese (Doutorado). Curso de Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/451>. Acesso em: 28 out. 2022.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. '**Tem música que não canto mais**', diz **Mano Brown sobre letras machistas**. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 dez. 2017. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/12/1942874-tem-musica-que-nao-canto-mais-diz-mano-brown-sobre-letras-machistas.shtml>.

CAMARGOS, Roberto. **Rap e política: percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015.

CAVALCANTE, Jordhanna Neris Sampaio. **Sobrevivendo no inferno da 'democracia' no Brasil pós-1988**. Monografia. Curso de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a *outsider within*: A significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, Brasília, n. 31. pp. 99-127, 2016.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e política na periferia de São Paulo**. Orientadora: Vera da Silva Telles. 2013. 295 f. Tese (Doutorado). Curso de Sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/publico/2013\\_TiarajuPabloDAndrea\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/publico/2013_TiarajuPabloDAndrea_VCorr.pdf). Acesso em: 02 jul. 2022.

DU BOIS, W.E.B. **As almas do povo negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

FACÇÃO CENTRAL. **A marcha fúnebre prossegue**. São Paulo: 1DASUL FONOGRÁFICA: 2001.

FACHIN, Patricia. **Violência, pobreza, cultura e potência. A periferia e as tentativas de transformação da realidade. Entrevista especial com Tiaraju D'Andrea.** Instituto Humanitas Unisinos. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/568429-o-sujeito-periferico-e-suas-tentativas-de-transformar-a-realidade-entrevista-especial-com-tiaraju-d-andrea>. Acesso em: 04 set. 2022.

FANON, Frantz Omar. **Pele negra, máscaras brancas.** São Paulo: Ubu, 2020.

FANON, Frantz Omar. **Os condenados da terra.** Lisboa: Ulisseia, 1961.

FAUSTINO, Deivison. **Frantz Fanon e as encruzilhadas: teoria, política e subjetividade.** São Paulo: Ubu, 2022.

FRANCO, Marielle. **UPP – A Redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro.** Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joana D'Arc Fernandes Ferraz. 2014. Dissertação (Mestrado). Curso de Administração. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/2166/Marielle%20Franco.pdf;jsessionid=9B7F468FC4B13A661B163A0BBFEDCD7A?sequence=1>. Acesso em: 14 nov. 2022.

GARCIA, Walter. **Diário de um detento: uma interpretação.** In: Lendo música: 10 ensaios sobre 10 canções. São Paulo: PubliFolha, 2007.

GARCIA, Walter. **Ouvindo Racionais MC's.** Teresa: revista de literatura brasileira, São Paulo, n. 4, pp. 166-180, 2004.

GARCIA, Walter. **Sobre uma cena de "Fim de semana no Parque", do Racionais MC's.** Estudos avançados, São Paulo, n. 25, pp. 221-235, 2011.

GARCIA, Walter. **Elementos para a crítica da estética do Racionais MC'S (1990-2006).** Ideias, Campinas, n. 7, p-. 81-110, 2013.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, etnicidade e trabalho.** In: Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In: Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020c.

GONZALEZ, Lélia. **Discurso na Constituinte**. In: Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020d.

GSHOW. **Edi Rock explica por que cortaram músicas machistas da turnê dos 30 anos dos Racionais MC's**. Rio de Janeiro, 23 nov. 2019. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/edi-rock-explica-por-que-cortaram-musicas-machistas-da-turne-dos-30-anos-dos-rationais-mcs.ghtml>.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao#:~:text=Os%20evang%C3%A9licos%20foram%20o%20segmento,1980%2C%206%2C6%25>. Acesso em: 13 out. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Estudos e pesquisa: informação demográfica e socioeconômica, n. 41, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf).

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais de 2012**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv62715.pdf>.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência**. Brasília: Ipea, 2021.

KEHL, Maria Rita. **Radicais, raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo**. São Paulo em perspectiva, São Paulo, n. 13. p. 95 – 106, 1999.

MANO A MANO: Mano Brown recebe Sueli Carneiro. Entrevistada: Sueli Carneiro. Entrevistadores: Mano Brown e Semayat Oliveira. [S.I]: 26 mai. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr>.

MARICATO, Ermínia. **Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras**. São Paulo em perspectiva, São Paulo, n. 14. p. 21 – 33, 2000.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **SISDEPEN (2022)**. Brasília (DF). Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen>.

MUSSE, Ricardo. **Theodor Adorno: filosofia de conteúdos e modelos críticos**.

Trans/Form/Ação, São Paulo, n. 32. p. 135 – 145, 2009.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. **O evangelho marginal dos Racionais MC's**. In: Sobrevivendo no inferno (livro). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PANCINI, Laura. **Saiba quais são os dez melhores álbuns brasileiros da história**. Exame. 2022. Disponível em <https://exame.com/pop/10-melhores-albuns-brasil/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

PANTA, Mariana. **População negra e o direito à cidade: interfaces entre raça e espaço urbano no Brasil**. Acervo, Rio de Janeiro, n. 1, p. 79 – 100, 2019. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1521>. Acesso em: 14 nov. 2022.

QUEIROZ, Marcos. **Fanon e a violência revolucionária**. Revista Jacobin, 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/07/fanon-e-a-violencia-revolucionaria/>. Acesso em: 29 out. 2022.

**RACIONAIS MC's: DAS RUAS DE SÃO PAULO PARA O MUNDO**. Direção: Juliana Vicente. Produção: Preta Portê Filmes. Brasil, 2022.

RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

RACIONAIS TV. **Mano Brown, um sobrevivente do inferno – Entrevista Completa**. YouTube, 28 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gMT9cXizDYQ>. Acesso em: 04 set. 2022.

RACIONAIS TV. **Racionais: Sobrevivendo no inferno por Acauam Oliveira**. YouTube, 15 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sMF62jwfNL0&list=PLcbqoj6PmK65OwJ0axT1ry15Eo3r2HhUW&index=2>. Acesso em: 04 set. 2022.

RIOS, Flavia; KLEIN, Stefan. **Lélia Gonzalez, uma teórica crítica do social**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 37, n. 3, p. 809 – 833, 2022.

REINA, Morgane Laure. **Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica**. Plural, São Paulo, n. 24, p. 253 – 275, 2017.

ROSE, Trícia. **Barulho de preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown**. 2012. Tese (Doutorado) – Curso de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

TAVARES, Breitner. **Geração hip-hop e a construção do imaginário na**

**periferia do Distrito Federal.** Sociedade e Estado, Brasília, n. 2, p. 309 – 327, 2010.

TELLES, Vera da Silva *et al.* **Combatendo o encarceramento em massa, lutando pela vida.** Caderno CRH, Salvador, v. 33, p. 1 – 16, 2020.

TV SENADO. **Que Brasil é este?.** YouTube, 27 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/tv/programas/que-brasil-e-este/2022/09/sueli-carneiro-de-que-barro-somos-feitos-para-permitir-a-situacao-dos-negros-deste-pais>. Acesso em: 23 out. 2022.

WACQUANT, Loic. **Punir os pobres.** Rio de Janeiro: Revan, 2003

ZIZEK, Slavoj. **Violência.** São Paulo: Boitempo, 2014.